

**Maiakóvski** entrou *em depressão* por conta do **amor**

Apaixonado por <sup>Tatiana</sup> *Yakloleva*, e não sendo correto

condido, **suicidou-se** com um tiro no peito, em frente à praça

<sup>anka</sup>, em Moscou. **Ernest Hemingway** tentou suicídio cinco

vezes; numa *delas*, tentou atirar-se contra as hélices de um avião

**mas** obteve o sucesso pleno ao **estourar** o céu da boca

com um *espingarda* de dois canos. Santos Dumont enforcou

se com a *própria* **gravata**. A poeta Safo **jogou-se** de

um penhasco. Petrônio, *poeta latino*, cortou a **carótida**

com **um punhal**. Tchaikovski se **matou**

bebendo propositalmente *um copo de água* não fervida durante

uma *epidemia* de **cólera** que assolava a cidade em que

vivia. **às** <sup>Estou</sup> **vésperas** de *participar* desse esquadrão de *insurretos*.

# 1.

E estamos de volta, desta vez em caráter definitivo e periodicidade mensal. Muitas novidades marcam essa edição de número um, depois de toda repercussão que o número zero trouxe. Novas seções e novos colaboradores, sempre com um olhar jovem e inquieto acerca da literatura que se faz no Espírito Santo hoje em dia. Pra começar, é com grande prazer que anunciamos a parceria com a Rede Cultura Jovem. A Graciano foi um dos 25 projetos capixabas contemplados com o edital de Núcleos de Criação, e durante cinco meses estaremos recebendo o apoio da Rede para elaborarmos cinco edições online de nossa revista. Isso sem contar todas as parcerias incríveis que já estão pintando junto aos outros núcleos que compõem a rede: jovens de todas as partes do ES, agitando, provocando e ajudando a divulgar a produção cultural do Estado. E não pára por aí! Nesta edição, temos a estréia do Chá das Sete, no qual transcrevemos os encontros mensais realizados no Cemuni V (Centro de Artes – Ufes), com nomes que fazem barulho no cenário literário capixaba. Nosso primeiro convidado foi o escritor Francisco Grijó, que participou de nosso bate-papo, numa espécie de

entrevista coletiva extremamente descontraída e provocativa, conduzida pela quase totalidade de nossos dezessete (!) integrantes. Completam a seção as resenhas dos dois livros mais recentes do Grijó: os contos de Licantropo e o romance recém-lançado Histórias curtas para Mariana M. Também trazemos uma matéria especial com o pessoal do programa Vice Verso, da Universitária FM, que toda semana transmite o que há de melhor no cruzamento entre poesia e música. E, na seção XXI, uma entrevista com Milena Paixão, escritora cachoeirense, que faturou, no final do ano passado, o prêmio Om-elete Marginal na categoria Literatura, logo após publicar seu livro de estréia, Catar-se. Além disso, temos um Dossier temático, sobre “Corpos em trânsito”, com a curadoria de Erly Vieira Jr e ilustrações de Mainá Loureiro. E, na nossa já tradicional Valise, você pode saborear oito textos literários inéditos de nossos cronópios. E você ainda fica por dentro das últimas novidades do cenário literário capixaba na seção Vida literária. Então a gente fica assim: toda última semana do mês, temos um encontro marcado com a literatura brasileira produzida no Espírito Santo. Aqui, na Graciano.

Os editores

*literatura brasileira feita no  
espírito santo*

## GRACIANO

Literatura Brasileira feita no Espírito Santo.

Junho de 2010. Nº1, Ano 1.

### EQUIPE EDITORIAL

Any Cometti. Astrid Malacarne. Brunella Brunello. Daniel Vilela. Fernanda Barata. Guilherme Rebêlo. Isabella Mariano. Kauê Scarim. Leandro Reis. Lívia Corbellari. Lucas Rocha. Lucas Schuina. Mainá Loureiro. Rafael Abreu. Sidney Spacini. Vinícius Altoé.

### ORIENTAÇÃO

Erlly Vieira Jr (Depcom-Ufes).

### CAPA E PROJETO GRÁFICO

Daniel Vilela e Mainá Loureiro.

### ILUSTRAÇÕES

Mainá Loureiro.

### REVISÃO

Brunella Brunello.



Capa: Licantropo, de Francisco Grijó.

graciano

07 XXI

16 Chá das Sete

32 Valise

47 Dossier

68 Vida Literária

72 Vice Verso

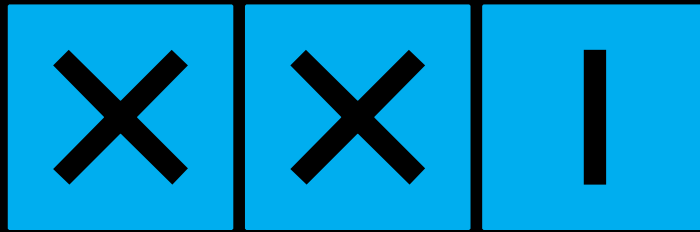
Ano I, nº1

“

Os anos 70 foram  
o início do século XXI

”

**DAVID BOWIE**  
alienígena



vinte e um

*literatura deste início de século*

FERNANDA BARATA

**CATAR-SE**

“Os textos do Catar-se não foram escritos para estarem em um livro. O livro acabou sendo mesmo uma compilação dos meus muitos estados de espírito, das minhas observações e sentimentos de um período de dois anos. Acabou sendo mesmo esse apanhado, esses caquinhos reunidos. E a experiência de lançá-lo foi pra mim uma grande celebração desse festim de sentimentos, da nova fase cultural de Cachoeiro, da amizade entre mim e todos aqueles que estiveram ao meu lado incentivando e trabalhando no processo.”

MILENA PAIXÃO





**NOME COMPLETO:** Milena Castro da Paixão

**IDADE:** 25

**CIDADE DE NASCIMENTO:** Cachoeiro de  
Itapemirim

**PROFISSÃO:** Professora de Inglês

**ESTILO DE LITERATURA QUE MAIS GOSTA DE LER:**  
Fase modernista e pós-modernista da literatura  
brasileira, e literatura latino-americana, principal-  
mente o realismo fantástico de García Marquez e  
o lirismo de Pablo Neruda.

**1) Para começarmos essa conversa, gostaríamos de que você contasse como se deu esse gosto pela escrita. O que primeiro acendeu em você a centelha criativa e o que a fez prosseguir?**

Acho que o que iniciou tudo foi o hábito de leitura cultivado desde cedo. Sempre tive muito estímulo dentro de casa. Com um pouco mais de idade comecei a manter diários que se estenderam até minha pré-adolescência, e depois a escrita assumiu tipos diferentes de narrativa. A sensação que tenho é de que continuei escrevendo diários, mas ao invés de fazê-lo em primeira pessoa, arranjei diversos alter-egos para contar mesmo o que se passava comigo. Daí começaram a surgir os esboços do que poderia se chamar de literário.

**2) Quando e como surgiu a idéia de lançar o primeiro livro?**

A idéia surgiu em 2008, com a expectativa da retomada da Lei Rubem Braga em Cachoeiro. Na verdade eu nunca havia cogitado seriamente lançar um livro, então o primeiro a acreditar e apostar na idéia foi o Marcelo Grillo, editor da Cachoeiro Cult, revista na qual ele já cedia um espaço para meus textos. O suporte dele foi indispensável para que isso se tornasse realidade.

**3) Atualmente é muito comum que as pessoas divulguem suas produções na internet, como no seu caso, inclusive. Entretanto, preparar um livro é um trabalho que exige muita responsabilidade e cuidado do autor, pois representa um peso relevante na carreira – positiva ou negativamente. Como foi a experiência de lançar a primeira obra?**

Sim, eu realmente sentia esse peso ao ver o processo se desenrolando, ao participar da revisão dos textos, do processo trabalhoso na gráfica... E sentia sempre um frio na barriga ao pensar que eu estava prestes a adentrar o território sagrado das estantes (risos). Mas ao mesmo tempo foi uma delícia ver a coisa toda tomando forma, desde o design da capa, a dia-

gramação, a escolha do papel, da fonte... Foi tudo idealizado com muito amor e com o apoio e a opinião de amigos. Em relação à resposta dos leitores, tenho recebido críticas bastante positivas, e, melhor ainda, tenho ouvido pessoas falarem que se identificaram tanto com um texto ou outro, porque descreviam o que sentiam ou o que haviam experimentado de alguma forma. Valorizo muito esse tipo de troca. Também visitei escolas em que professores haviam trabalhado com textos do livro nas aulas, e conversar com os alunos, ouvir seus pareceres sobre meus escritos e sobre literatura em si, e poder expor um pouco da importância da leitura e da escrita em nível tão pessoal foi fantástico.

**4) Após ter lançado seu primeiro livro e agora que já pôde refletir sobre essa experiência, você já considerou se pretende ou não fazer da escrita uma profissão?**

A certeza que tenho é que preciso continuar escrevendo por motivos pessoais, de sobrevivência emocional. Quanto a fazer da escrita uma profissão, não tenho essa pretensão. Acho que continuarei sendo amadora... ao menos no que diz respeito à poesia. Não sei se lançarei um segundo livro e isso realmente não me preocupa.

**5) O movimento Omelete Marginal procura a todo tempo acompanhar os acontecimentos culturais do estado e tem ganhado repercussão nacional cada vez mais abrangente. Como você compreende, para a sua carreira como escritora, ter ganhado o Prêmio OM 2009?**

Foi uma grande surpresa ter recebido esse mérito, realmente não imaginava que isso aconteceria, por ser a menos conhecida entre as indicadas - de fora da capital. Mas foi imensamente gratificante receber tal reconhecimento em uma premiação envolvendo votação popular... Aliás, a alegria maior foi ver cachoeirenses recebendo prêmios em todas as categorias nas quais foram indicados. Mostra que as pessoas que votaram, acredito que na

maioria cachoeirenses também, estão cientes e apreciam o que vem acontecendo por aqui. Foi uma bela noite.

**6) Vários autores costumam conversar sobre os métodos que seguem para produzir. Para você, quando é impossível escrever? Ou isso não acontece?**

Para mim é possível escrever sempre que vem a necessidade. Não há ritual específico, clima, lugar, horário. Por vezes sinto que preciso simplesmente interromper qualquer coisa que esteja fazendo e me ponho a escrever. É algo orgânico.

**7) Escritores diversos escrevem sobre a própria matéria-prima da profissão, a palavra, e sobre como ela pode ser traiçoeira. Você já foi acometida por alguma crise de criatividade? Como lidou com isso?**

Já fui acometida por períodos em que não escrevia... às vezes de um ou dois meses inteiros. Não lidei com eles, simplesmente deixei-os estar... Se não escrevi foi por que não precisava, e nunca tive crises com isso... Aproveitava pra ler e curtir os outros assuntos que me dão prazer, além de escrever.

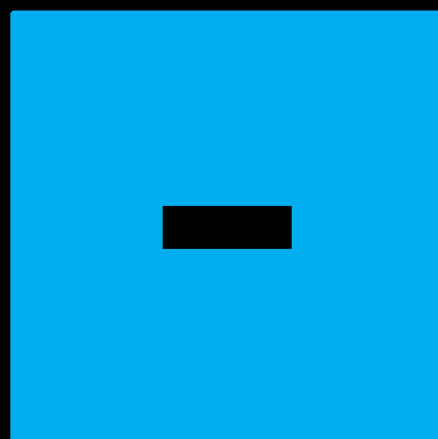
**8) Existe algum autor (ou mais de um) que influencia seu estilo, a forma como você observa e (d)escreve o mundo?**

Deve haver traços de muitos dos autores que leio nas coisas que escrevo. Acho que isso é inevitável. E ao mesmo tempo, me agrada, acho enriquecedor. Não consigo distinguir um estilo único de um autor que gosto, mas já houve pessoas que me disseram “esse texto se parece com Clarice Lispector” ou “você aqui me lembra Manoel de Barros”. Muitas vezes concordo, e não é uma vontade de imitar os autores que admiro, mas um diálogo, a expressão inconsciente de como eles me afetam emocionalmente, porque é puramente de emoções que construo minha escrita.

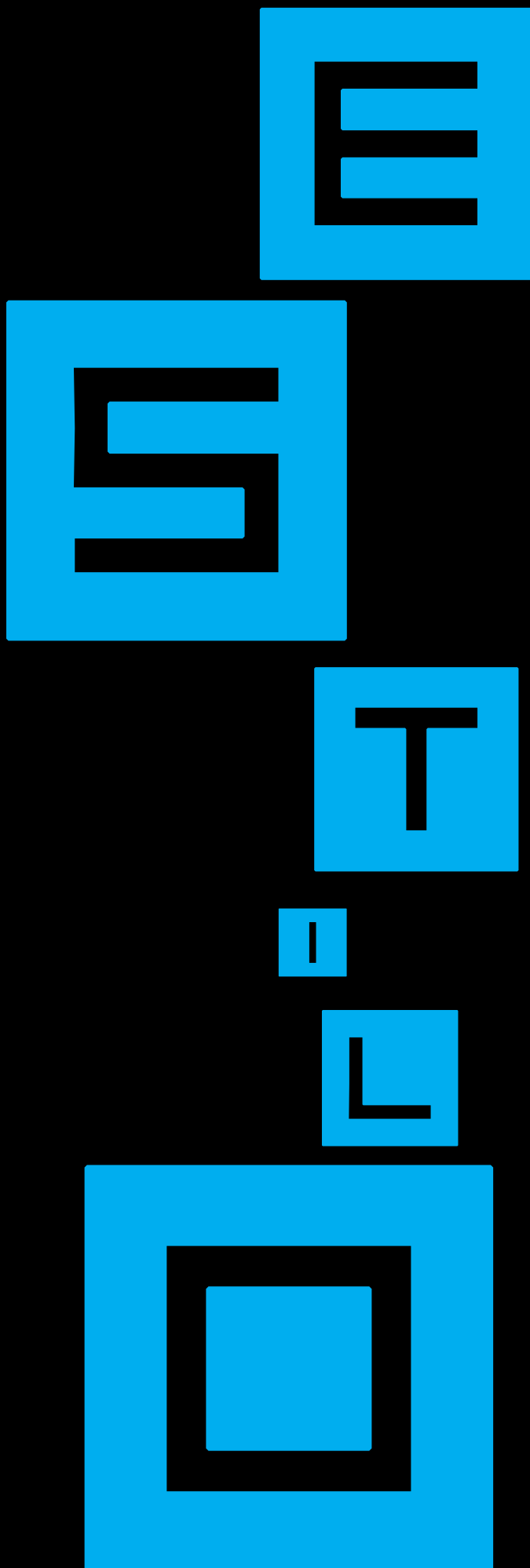
**9) O que pensa sobre a literatura capixaba?**

D I V E R S O S

A L T E R



E G O S



**O quão relevante ela é para o seu estilo? Acha que ela tem o reconhecimento que merece?**

Penso que temos na literatura capixaba um passado glorioso e talentos valiosos no presente. Acredito que nossa literatura é de alto nível. Venho conhecendo cada vez mais e me surpreendendo com o que leio. Aos quatorze anos conheci a poesia de Elisa Lucinda e posso afirmar que ela foi a porta que se abriu de par em par para que eu entrasse no território dos textos em versos, que não me atraíam tanto. A partir dela comecei a buscar outros autores, até me arriscar na escrita de poemas, o que se mostrou uma aventura deliciosa, e logo parte da necessidade de escrever. Quanto ao reconhecimento, acho que há que se reconhecer mais e mais, não é? Acho que nunca há um “o bastante merecido”. Talvez, mais que se reconhecer, há que se conhecer. E me incluo nesse processo.

**10) Por fim, ainda que se tenha todos os cuidados ao produzir um livro, a obra somente se completa quando o leitor entra em contato com os textos. Assim, como professora, o que tem feito para incentivar em seus alunos o gosto pela leitura?**

Bem, como sou professora de língua estrangeira, o incentivo que procuro passar em relação à leitura toca na questão do conhecimento da cultura atrelada à língua e no desenvolvimento de estratégias de leitura. Por outro lado, já desenvolvi projetos de incentivo à leitura em duas escolas municipais, com crianças de nove e oito a dez anos, e, como citei, já fiz várias visitas a escolas para conversar sobre o livro, sobre o hábito da leitura, sobre processo criativo... E espero ainda ter várias oportunidades como essa.

**BLOG DA MILENA:**

<http://pao-de-sol.blogspot.com/>

# ODE AO OLHO

Não é por nada, não  
É mais porque gosto de rascunhar papel  
É porque quando escrevo assim, ao léu  
Dá vontade de falar do céu  
Dá ganas de contar do breu.  
Mas hoje é só esse olho seu  
Que, ai meu deus  
É de um castanho de desatino  
É um olho assim, de menino  
De taurino  
Com ascendente em leão.  
É olho que, quando a luz é certa  
Tem luxos de mudar coloração  
E de roubar minha cor, minha ação  
Em espantamento de criança  
Em rendição de inseto preso em âmbar  
Pontinho preto na sua íris caramelada  
Imóvel, exposto em pose atrapalhada  
A alma entregue à sua salvação.  
E seus cílios agora, então?  
São todos feitos de matéria-carinho

Curvadinhos  
Ponta de asa de passarinho  
Flor de dente-de-leão.  
Se eu soprar seu olho, menino  
Espalho seus cílios no vento?  
E o que acontece na hora  
Que eles tocarem o chão?  
Será que você vai nascendo  
À beira do caminho que ando  
Pra, seguido, eu ir te encontrando  
E poder segurar sua mão?  
Ah, me desculpe, menino  
Essa divagação sem tamanho  
Mas explico esse súbito assanho  
Confesso que há, sim, razão:  
É que quando eu fecho o olho  
(que estranho)  
Nem azul nem breu  
É castanho  
Que tinge o avesso das pálpebras  
E me preenche a visão.

## PRECE DE MARIA CÂNDIDA

Ó, meu pai	E, por favor, coisa que per
Tira de mim essa candura	(perdura)
Nem precisa tirar tudo, aliás:	Não me largue sozinha
Some só com esse can	No meio dessa ternura
Troque aí por cã	Jura
Cadela	Com a mão no peito.
Quero ser dura	É que eu ando mal
Cã dura	Ando muito enjoadinha
Cadela difícil	Desse defeito
Tem mais graça, meu pai.	De fábrica.
Deixa, ao invés, eu ser coisa que queima	Enjoada, nada
(queimadura)	Ando puta.
Ser coisa que ata	Chega de açúcar
(atadura)	Quero páprica
Coisa que morde	Vermelha!
(mordedura)	É muito mel, meu pai, muito mel
	Quero a ferroadada da abelha.

S n

"... é puramente de *emoções* que  
construo a minha escrita."

## TEREZA E A ESTANTE

Os olhos grandes olham, com lascívia

O coração pulsando, muito alerta

Os homens dispostos à sua frente

Fita-os ela, com a boca entreaberta

De crianças olhando pipoca quente

Despejada em saquinhos, fresquinha

Os mesmos olhos brilhantes

Da menina e a pipoca:

É minha!

Tereza e seus possíveis amantes

Ergue uma das mãos, em incerteza

E desliza-lhes os dedos pelos torsos

Vacila, pondera, sobre quem a mereça

Puxa-os para si e toca-lhes os rostos

Um a um os sente, vagarosa

Que essas horas dispensam avareza

(Depois conta ela, fingida,

Essa menina Tereza

Metade cenho franzido,

Diz ela por pura estranheza

Metade sorrisinho torto, metido

De quem não diz, mas tá prosa):

Veio Vinícius, num andar atrevido

Co'umas propostas muito indecorosas

De brigadeiro, purê e Europa

E enquanto Pablo jurava um amor de pureza

Jorge apostava que eu era menina fogaosa

Já Carlos era doce nos versos

Homem cheio de sutilezas

Até Gabriel chegar, em polvorosa

E me acusar de, na verdade, ser princesa

De um lugarejo longe, descartado

Dos mapas, dos ventos da rosa,

Repleto de paisagens pitorescas.

Ah, Terezinha, eu entendo

Que assim só com nervos de aço

Entendo tanto que tou vendo



Você saindo de fino


Com todos debaixo do braço



(hein, sacana!)

E sei que está pensando em um

Pra cada dia da semana.

“HAVIA UMA  posta sob uma das árvores na frente da casa, e a Lebre de Março e o *Chapeleiro* estavam tomando chá. Um  estava sentado *entre eles*, profundamente adormecido, e os outros *dois* o usavam como almofada, descansando nele *os cotovelos* e conversando *sobre* sua cabeça.

“Muito confortável para o *Arganaz*”, *pensou* , “só que como está dormindo, acho que não se importa”.

A mesa era *grande*, mas estavam todo aglomerados num de *seus cantos*. “Não há ! Não há lugar!”, *gritaram quando viram Alice* se aproximar. “Há muito lugar!”, disse Alice , e ela se sentou numa grande poltrona junto a uma das *pontas da mesa*.”





# CHÁ DAS SETE

**FRANCISCO GRIJÓ**

E, no começo de abril, os integrantes do Cronópio receberam Francisco Grijó para um bate-papo no Cemuni V. Numa total descontração, Grijó foi “bombardeado” pelas perguntas de doze de nossos integrantes (na verdade 13, se contarmos com a participação da Brunella via MSN), o que o fez comparar o nosso encontro às rodas de entrevista coletivas do Pasquim (ok, um dia a gente chega lá...). Em quase duas horas de conversa, Grijó passou em revista sua produção literária em quase três décadas, e falou de suas referências literárias e musicais, da cultura norte-americana do século XX, das oficinas de Deny Gomes na década de 80, da relação do escritor com o público e com a crítica, do mercado literário capixaba e nacional, dos alunos e ex-alunos (alguns, inclusive, fazendo aqui o papel de entrevistadores) e de seu assunto predileto: as mulheres.

RESENHAS DE BRUNELLA BRUNELLO E DANIEL VILELA

francisco grijó



## histórias curtas para mariana m

romance

FLOR CULTURA  
LITERÁRIA



Pra começar, vamos fazer uma pergunta mais genérica, até pra quebrar o gelo, né? É o seguinte: a gente tem esse interesse em saber como é o processo criativo de um escritor... Você poderia falar um pouco de como “funciona” o Grijó?

Na verdade, o processo criativo é uma coisa subjetiva, algo particular, cada um tem o seu... A idéia é desencadeada de uma maneira: de repente, você está lendo um texto e, a partir dele, uma história é criada; vem uma frase, um enredo... Eu, na verdade, quando comecei a escrever, não tinha nenhum tipo de disciplina, e eu comecei a criar uma disciplina para escrever quando eu tornei a literatura uma prioridade. Eu sou professor de literatura porque eu preciso sobreviver. Mas, se eu pudesse sobreviver de produção literária, eu teria deixado de ser professor para me tornar apenas escritor. Então, o mínimo que eu pude fazer para respeitar essa idéia de que a literatura é fundamental foi estabelecer uma disciplina. Todo dia eu me sento à frente do computador, quando não existia computador eu me sentava à frente de uma máquina, de uma Olivetti Underwood, que eu tenho até hoje, mas não uso mais... Eu me sentava na frente dela, com uma página em branco, ficava esperando as idéias brotarem. Geralmente não brotavam. Então, já que eu havia estipulado que eu deveria ter uma disciplina, eu me sentava pra escrever, e, se viesse a idéia, ótimo; se não viesse, eu esperaria que ela aparecesse. O processo de criação, para mim, é isso aí. Eu sento e espero que a página fale comigo. E essa idéia

de que – eu já vi muitos escritores falando assim – “escrever é uma tortura”... Eu me lembro de que eu assisti a uma palestra uma vez, do Murilo Rubião, na UFMG, e ele começou dizendo que “escrever é uma tortura”, e aquilo pra mim foi algo questionável, porque, se escrever é uma tortura, então o que você deve fazer é não escrever. Pra mim, escrever sempre foi uma diversão muito grande. Eu me divirto muito, eu aprendo muito com os personagens que eu crio, mas, acima de tudo, eu domino esses personagens. Essa história de que o personagem tomou conta de mim é papo furado. Eu tomo conta dele o tempo todo. Se ele está indo para um caminho que eu acho que ele não deve ir, eu o pego de volta e vou estabelecer um caminho pra ele. Às vezes eu roteirizo, às vezes eu coloco: “eu vou escrever isso, isso e isso”. E, às vezes, durante o processo de criação, as coisas se modificam. Mas tudo sob o meu controle. Controle que eu acredito que sempre é do escritor. Não falo isso como poeta. Eu não sou poeta, eu nem sei como é que se escrevem poemas, eu não sei como é que um poeta vê o mundo; eu sei que ele vê de forma diferente do prosador. O cara que quer contar uma história tem que, no mínimo, ser claro. E essa clareza, que, penso eu, é o tempo inteiro, faz muito parte do processo de criação. Enfim, eu me sento, e, se aquilo está claro pra mim, eu imagino que esteja claro o leitor de que preciso.

### **E como é esse leitor?**

O meu leitor, pra mim, tem que ser, no mínimo, inteligente como eu sou. Não vou querer um leitor que não seja inteligente. Se

eu penso que meu texto é um texto elaborado de forma inteligente, acredito que meu leitor seja assim também. É esse tipo de leitor que me interessa, embora, é claro, que eu gostaria muito que meu texto chegasse a mais leitores. Mas quando eu digo que quero que meu texto chegue a mais leitores, eu quero que ele chegue a leitores bons, eu quero leitores que respeitem o texto, que saibam como lê-lo, que saibam discuti-lo, que podem gostar dele ou não, isso aí, essa questão do gosto é realmente outra história. Mas o processo de criação se dá, acima de tudo, também, não pensando muito no leitor, embora necessite dele. Parece paradoxal, mas não é. Sento-me pra escrever e penso, principalmente, muito em mim. Penso no que vai me satisfazer, no que vai me deixar contente, no que vai me deixar engrandecido, estilo, tema... Agora, o processo de criação, além da disciplina, se dá muito pelo trabalho. Não acredito em inspiração, não acredito. Acredito que você tenha uma idéia, e que você pode – e deve – desenrolá-la, cuja sinonímia é desenvolvê-la. Mas não acredito nessa coisa de “vou esperar para me inspirar”. Há um conto no meu livro *Um outro país* para Alice que representa a comprovação de que essa coisa de inspiração não existe, pra mim. Nesse conto, um indivíduo leva a amante dele, que é Marilyn Monroe, pra jantar com a esposa oficial, uma coisa a três, um ménage gastronômico ou coisa semelhante. Eu me lembro como é que surgiu essa história. Eu estava dando aula, e uma aluna perguntou-me se podia comer enquanto assistia à aula. Concordei, e, enquanto ela devorava um hambúrguer, foi surpre-

endida por ter encontrado, em seu interior, um osso de galinha. Ficou indignada – qualquer um se indignaria, né?. Todo mundo riu, eu ri, e ela, mesmo fula da vida, também riu... Depois eu fui pra casa, dirigindo, pensando na idéia de uma pessoa chupando um osso de galinha. E aí veio o conto. Cheguei em casa, sentei-me e comecei a trabalhar num conto em que um homem leva uma mulher, a amante dele, pra casa, pra conhecer a esposa, e as duas o matam, pegam a parte do peito, fazem um guisado e o saboreiam. E a partir de um osso. Então, quero dizer, como é que se dá esse processo? Não sei. É uma idéia que surge, por uma situação cotidiana, que pode ser transformada em literatura. Eu acho que essa é a grande tarefa do escritor: transformar o banal em arte. Essa é a sacada.

**Você tem histórias que são contos, histórias que são romances, e Mariana M que transita mais ou menos numa longa narrativa feita de pequenas narrativas. Como é que você determina qual história é um conto, qual história que é romance?**

Existe um autor, do qual eu sou fã, e pelo jeito vocês também são, que é o argentino Julio Cortázar... Eu me lembro de uma entrevista dele, para a tevê colombiana, salvo engano, em que ele dizia que a relação da prosa com o leitor é como o pugilismo. Enquanto o conto vence o leitor por nocaute, o romance vence o leitor por pontos. Então, o conto precisa bater o leitor, levar o leitor à lona, rapidamente; enquanto

que o romance vai levando aos poucos. Só que ele mesmo menciona nessa entrevista que, se o conto não tiver a qualidade necessária, ou o romance não for bom, quem vai à lona é o texto. Eu parto desse pressuposto, e parto do pressuposto, também, de que eu não conheço nenhum romance que não seja feito de pequenas histórias. A idéia do romance, que remonta à Grécia antiga, à figura do rapsodo, do aedo, é você pegar várias histórias, juntá-las e criar uma história só, que faça com que essas pequenas histórias sejam tecidas entre si. E é essa a idéia fundamental de Mariana M. Ela foi concebida assim. Não surgiu como um conto. Nenhuma das histórias de Mariana se transformou em conto para mim. E eu compreendi qual era a idéia que eu queria do livro, que eram histórias curtas que se entremesavam, porque, freqüentemente, os vários narradores dos textos contam histórias. E, não sei se você percebeu isso, as histórias se repetem. Os personagens se repetem, com nomes diferentes, mas em situações semelhantes.

### **Então são histórias diferentes, que têm referências repetidas.**

Exatamente. Essa é a idéia primordial. Acho que a nossa vida é isso, a nossa vida é uma amontoado incessante, e muitas vezes repetitivo, de histórias curtas. Então, justamente, a nossa vida, que é, na verdade, um grande romance. Eu não me considero um grande romancista nem um grande contista. Mas também não me considero autor sem qualidade. Estou em pro-

gresso. Eu acho que eu vou atingir a maturidade, se é que isso existe, daqui a um tempo, mas é um processo de trabalho exaustivo. Não tenho essa preocupação de dizer “isso aqui é conto, isso aqui é romance”, até porque eu reconheço muito essa distinção. E até porque, enquanto escrevo, eu não sou professor, não preciso teorizar sobre literatura. O que, aliás, é uma benção pra mim. Eu não sei exatamente qual é a diferença, pra mim, na hora de produção, do que vem a ser um conto, do que é um romance. Eu chamei de romance porque é uma narrativa longa. Só isso. Uma narrativa longa feita de várias pequenas narrativas, com vários narradores, alguns narradores mais importantes do que outros... Eu tenho um narrador preferido. Eu não preciso nem dizer quem é, certo? A não ser que perguntem.

### **Quem é? (risos)**

O narrador preferido, pra mim, é o Júlio, que conta uma história que ele criou. Considero-o honesto, que tem de ser a característica de qualquer indivíduo que se proponha escrever. É preciso ser honesto, ao menos consigo mesmo. Júlio é honesto, muito mais honesto do que o narrador que está morrendo.

Aliás, essa situação do narrador morrendo, ele me lembra muito o universo do cinema noir dos anos 40, 50

**... aliás, você sempre cita o cinema e a literatura norte-americanos como referência, até citou o Donald Barthelme antes de começarmos a entrevista... conta pra gente, que tipo de**

### **literatura é essa que você gosta?**

Eu gosto muito da literatura norte-americana, eu a descobri no início dos anos 80. 1981, 1982... eu tinha 19 ou 20 anos. Havia lido Os Nus e Os Mortos, do Norman Mailer. Aquele livro foi uma epifania pra mim, porque eu li aquilo ali e falei: “Eis o que eu quero fazer. Isso aqui é o que eu gosto de ler.” Aí eu comecei a caçar todos os autores americanos. Li Updike, Roth, Vonnegut, Heller, fui buscar tudo o que havia disponível. Mais tarde cheguei a Richard Brautigan, a Barthelme, fui chegando a esses caras e fui vendo que é o tipo de literatura que eu gostaria de fazer, o que não quer dizer que eu consiga isso. Mas a minha referência, no séc. XX, são esses caras. Eu não conheço nenhuma literatura que me impressione mais do que a literatura norte-americana do séc. XX. Aliás, também não conheço cinema melhor que o deles, aquele cinema do final dos anos 40 até meados dos anos 60... não acho que os europeus tenham feito nada melhor. Acho que quando eles querem fazer cinema, eles pegam os melhores escritores, os melhores contadores de história, os melhores diretores, e criam o melhor cinema... Acho que eles têm a melhor literatura, fizeram a melhor música... a melhor música popular. Os grandes compositores norte-americanos, Harold Arlen, Cole Porter, Vincent Youmans, Jerome Kern, Richard Rogers, Gershwin, essa rapaziada toda... Eu acho que não existe nada melhor que eles, nada me satisfaz mais, em música popular.

### **Nem Lennon & McCartney?**

Não acho que exista alguém melhor que Cole Porter ou que Gershwin fora dos Estados Unidos... nem Tom Jobim, Piazzolla, nem Noel Coward, de quem eu sou fã. Falo de música popular, claro. Os americanos fizeram o jazz, fizeram o blues, fizeram um excelente rock, fizeram o melhor teatro, os grandes espetáculos, as grandes produções... Eu acho que eles dominaram o século XX. Eles são uma usina de produção cultural, uma coisa impressionante. Há quem diga: "os americanos são opressores, a indústria cultural americana é isso e aquilo..." Eu concordo plenamente, mas é um país em movimento, está sempre produzindo. Produzem cultura, uma coisa inacreditável. Na força e na criatividade. E essa criatividade que eu encontrei na literatura deles.

#### **Além da literatura, o que mais te influencia?**

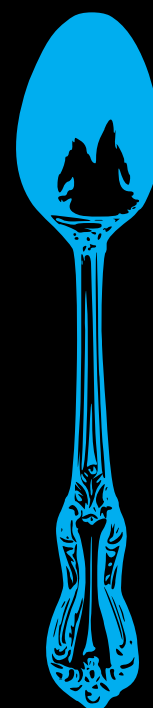
O cinema, muito. A música também. E aí, aconteceu uma coisa interessante no Mariana... eu tentei resistir ao jazz, mas não consegui. Há um capítulo em que o personagem Julio chega, pra conversar com Eduardo Rubim, e, ao fundo, rola um disco do Duke Ellington com o John Coltrane, e um dos personagens chega a fazer comentários sobre o disco. Eu tento resistir a colocar as minhas influências, mas não consigo. Em meu penúltimo livro, Licantropo, há muito jazz, muito rock, muito blues, muito cinema. Tanto que um dos contos (Musculatura) virou filme... Mas sou muito interessado pela vida cotidiana. É o que mais me inspira. A vida cotidiana é um enredo espetacular.

#### **Como você lida com o transporte da sua vida para o texto?**

É difícil separar um do outro. Acabo escrevendo muito sobre mim, mas, por exemplo, a minha ideologia e minhas crenças eu não necessariamente coloco no texto. Eu posso ter personagens que sejam opostos a mim, eu posso ter personagens que em nada se identificam comigo. Agora, inevitavelmente, a escolha do tema, das palavras, a criação do parágrafo, tudo passa pelo que eu sou, sobre o que eu represento para mim mesmo... Mas é uma coisa pra refletir: como eu consigo escrever alguma coisa sem ser eu? Como eu vou me divorciar daquilo que eu sou, daquilo que eu penso, daquilo em que eu acredito? É muito difícil.

#### **É uma questão que incomoda muito a gente, também: até que ponto o nosso texto vai ter um diferencial para conseguir desassociar?**

Mas por que essa preocupação? Eu não tenho problema algum se um cara pegar o meu texto e dizer: "pô, isso é a cara do Grijó". Nenhum problema. Não vejo mal. Há pessoas que se incomodam com isso. Eu não. Eu não me esforço sempre para que o texto não seja a minha cara. Quando minha mulher – que me conhece bem! – leu Histórias Curtas para Mariana M, ela sublinhou algumas coisas que um dos personagens tem e disse: "Grijó, ele é você!" E eu não consigo ver isso, e seria te capaz de discordar. Isso não me incomoda, ela consegue e eu não consigo. Aliás é até bom que o leitor veja coisas que eu não veja. Eu vou di-



zer uma coisa para vocês: não há nada melhor, ou mais importante, para um autor, do que poder ouvir o que têm a dizer pessoas que se interessam pelo que você escreve. Eu acho que é o grande prazer do escritor. É a melhor coisa que pode existir para ele, depois, naturalmente, de virar um best-seller.

### **No sentido de ter experiências, seus textos são carregados de referências da própria literatura...**

**Como é lidar com o fato de ser professor de literatura, de ser um leitor e, como leitor, ser influenciado pela literatura? E de sua literatura ser lida por pessoas que incluem, por exemplo, seus próprios alunos?**

Em 1985, 1986, houve um debate num desses Cemunis da Ufes, e estavam na mesa eu, a professora Deny Gomes – que é minha referência na área e a quem devo muito –, e um grande amigo, também escritor, chamado Debson Afonso, que é um interessantíssimo e que escreveu apenas um livro, um volume de contos cujo título é *Batendo na Porta Errada*. O Debson virou para as pessoas e disse: “com a exceção do Grijó, os piores escritores que existem são os estudantes de Letras e professores de Literatura”. E foi um tumulto, porque ali havia várias pessoas, aspirantes a escrever, inclusive eu que não tinha publicado nada, só ia publicar um ano depois, havia estudantes de Letras e, de repente, ele falou uma possível verdade: ser professor ou estudante de Literatura pode realmente atrapalhar o processo criativo porque a teoria e a produção literária se assemelham. Você escreve, simplesmente, a despeito de fórmulas

teóricas. O curso de Letras não ensina a escrever, ele ensina a ler o texto, avaliar o texto, mas ele não ensina a ter criatividade. Criatividade pinta de uma forma e muitas vezes distante da Academia.

A minha sobrinha leu Mariana M e falou assim: “eu fui ao Google procurar esses escritores que você cita no romance Mariana M”. E muitos deles – e eu não contei nada pra ela antes – foram inventados. Muita coisa ali é falsa, inclusive o próprio narrador diz isso, nada ali é verdadeiro. Mas existem escritores ali que são verdadeiros e outros que são falsos. A teoria só me atrapalha. Eu não escrevo e fico pensando o que o Massaud Moisés ou o Alfredo Bosi diriam disso. Me abstraio completamente e escrevo aquilo que satisfaz o leitor Grijó. A opinião do professor Grijó não interessa a mim, desprezo-a. Acho que teoria, sinceramente, serve para você saber que ela existe, ter uma segurança mínima, mas o que interessa mesmo é a criatividade, o trabalho, é a honestidade com que o autor lida com aquilo que ele produz. Acho que é preciso ser honesto, tem que ser verdadeiro, mesmo que o que você esteja contando seja mentira, mas é fundamental escrever e dizer assim: “Eu vou mostrar para vocês que acredito nisso”. Eu acho que é por aí, eu acho que arte é isso, arte é prática e botar a cara para levar porrada. Admito apenhar, desde que quem esteja batendo saiba por que o faz.

### **Como é a relação entre escritor e crítica?**

Eu acho a crítica fundamental. A crítica tem uma vanta-

gem, ela vê o que o autor, envolvido demais com o próprio texto, não consegue perceber. O Daniel vai escrever uma resenha e eu tenho certeza de que eu vou encontrar uma série de coisas na resenha que ele não conseguiu ver. Eu não tenho a mínima idéia, eu não sei o que achar dos meus livros. Então, na verdade, eu preciso da crítica. Quando eu falei que isso é fundamental pro escritor, a crítica é fundamental desde que ela seja honesta como o escritor é. Quando lancei meu primeiro livro, *Diga Adeus a Lorna Love*, um crítico local surrou-o com fúria, mesmo não tendo lido o livro. Soube mais tarde que ele sequer havia folheado o texto, e, a despeito de tê-lo lido, colocou bem assim, um quarto de página, “subliteratura capixaba”. Meteu a porrada. Quando eu li aquilo, eu tinha 25 anos, quando li aquilo... meu primeiro livro, tinha ganhado um prêmio aqui no Espírito Santo (Nota dos editores: o livro foi o vencedor do concurso de contos promovido pela FCAA em 1986). Aí eu pensei: “Caramba, vou falar com ele”. Ele não quis falar comigo. Usou o jornal para descer o malho. Usei esse episódio em Mariana M. O personagem Daniel Jordão, jornalista rancoroso, faz mais ou menos isso, trata assim seus desafetos, usa o poder do jornal para sacanear. Então eu acho o seguinte, a crítica é necessária desde que seja uma crítica séria. Eu sou a favor da crítica, acho fundamental e o meu relacionamento com ela é de honestidade. Se ela for honesta comigo, ótimo. Ouço o que a crítica tem a dizer, escuto, abro o debate...

### **E dos escritores do século XXI, algum te chama a atenção?**

'Dessa rapaziada nova, não vejo ninguém, não vislumbro ninguém que seja fundamental Eu não vejo, sinceramente, nenhum grande autor que tenha aparecido no século 21. Não vejo. Os meus autores preferidos são os autores do século 20, e alguns do século XIX. Em grande parte, norte-americanos, mas gosto muito da gente brasileira, gosto dos franceses, gosto dos ingleses, dos russos, dos ibero-americanos. Eu gosto de literatura, ou aquilo que eu penso que seja literatura pra mim.

### **E na sua formação inicial como leitor, o que seria imprescindível?**

Machado foi importantíssimo, ele foi importante não somente pela produção de qualidade inquestionável, mas também por ele ter me levado para outros autores. Me levou a Dostoiévski, que é um cavalo de raça pura, a Balzac, Maupassant, Sterne, Flaubert.. E Machado foi importante por ter escrito Quincas Borba, um romance soberbo. E esses escritores a quem ele me levou me levaram a outros menos conhecidos, né? Me levaram à poesia simbolista, à literatura latino-americana, numa época que eu li muito Carpentier, Rulfo, Onetti, Lezama Lima. Me tornei fã de Guilherme Infante, li um guatemalteco chamado Arturo Arias, que me impressionou demais. Falei em Cabrera Infante, Carpentier e Lezama Lima e chego, claro, a Cuba. O que Cuba tem? Cuba tem tabaco e cana-de-açúcar, mais nada. Tem Fidel e mais nada. Como eles conseguem ter um literatura de uma qualidade muito superior a qualquer coisa feita na

Brasil, com exceção talvez de Machado, alguma coisa de Raul Pompéia, Mário Palmério e Euclides da Cunha? Como eles conseguem isso? O que esses caras têm? Aí às vezes eu penso: não é o que os caras têm, mas o que nós não temos. Se nós tivéssemos uma educação mais sólida, um respeito maior à produção intelectual, eu acho que talvez nós tivéssemos algo melhor na literatura. Então eu não tô lendo nada, nenhum autor novo porque é raro chegar um autor novo e eu dizer assim: "Pô, eu quero ler esse cara aqui". É muito raro. Tem o Reinaldo Santos Neves, que eu acho que é um dos melhores escritores do Brasil hoje, se não for o maior ficcionista brasileiro da atualidade. Mas, por culpa do próprio Reinaldo, e por culpa do sistema editorial brasileiro, ele é tão anônimo quanto Grijó, mesmo sendo infinitamente superior em termos estilísticos do que eu.

### **E nesse sentido, como é publicar, tentar publicar o texto, e fazer circular esse texto dentro do ES?**

Daniel, eu vou te falar uma coisa louca. Quando Mariana M saiu, no final de dezembro... lá sair em outubro, mas aí o Miguel (Marvilla, editor do livro) morre, e com a morte dele eu não ia pressionar a editora, então deixei a coisa correr. O livro saiu no final de dezembro, então final de dezembro ninguém divulga nada. Janeiro as pessoas vão para Guarapari e variações, ninguém vai ler livro, certo? Fevereiro, o país tá começando a engatinhar. Então o livro só começou a ser divulgado a partir do final de fevereiro. No final de fevereiro eu recebi um e-mail de dois cariocas. Não sei como o cara

conseguiu meu telefone. Ricardo Vieira. E o email do cara lá do Rio de Janeiro perguntando se eu ia para a Flip, e falou para eu me encontrar com ele. Ótimo! Botarei meu livro embaixo do braço e vou levar. Falei isso no Café Literário do SESC (Nota dos editores: realizado em março, no Centro Cultural Majestic, em Vitória). É impressionante como o meu livro chega ao Rio de Janeiro e não chega a Linhares! Impressionante! O Café Literário chegará a Colatina e meu livro vai poder, então, ser divulgado lá. Ele não sai daqui e vai para lá sozinho. Eu fui dia desses a uma livraria, em Vitória. Assim que o livro foi editado, cinco exemplares foram enviados para as livrarias. Numa delas, os cinco exemplares foram vendidos, e para o mesmo indivíduo, um leitor conhecido meu. Ele mesmo me disse: "Grijó? eu li, gostei muito e vou dar de presente de natal." Após essa compra, a livraria não fez mais pedidos, eles não ligaram para a editora pedindo mais. Pó, vendeu os cinco num dia... Aí você pensa: "Pô, peraí... cinco num dia, tem que pedir mais!" Não pediu, simplesmente não pediram. Eu fui lá, entrei e disse: "Você tem Histórias curtas para Mariana M?" E me responderam: "Rapaz, de vez em quando alguém vem aqui e pergunta, mas não temos não". Eu: "Mas vocês tiveram, não tiveram?" "Tivemos". Aí o cara ficou me olhando assim e eu falei: "Eu sou o autor. Aí cara, cadê o livro?" Cinco exemplares foram vendidos num dia, o livro deve ser bom. Manda trazer mais então, certo? Errado.

Não estão nem aí, cara. Existe um problema no Espírito Santo em Vitória, isso é uma coisa que deve ser denunciada e eu vou denunciar, os atendentes das livrarias são tremendamente mal-treinados.

#### Conta isso...

Experimente chegar numa livraria e invente um título. Já fiz isso. Chega e fala assim: "Você tem aí As Ondas do Mar Eterno?, um título qualquer, seja criativo, invente algo." Aí o funcionário vai ver e não vai encontrar. Ele então devolve esta: "Olha, o último foi vendido." Você fala: "Obrigado, onde posso encontrar? Em outra

loja?" "Não, Também não". E são tão mal-preparados que você inventa um título e dizem que acabou: "O cara ali, levou o último".

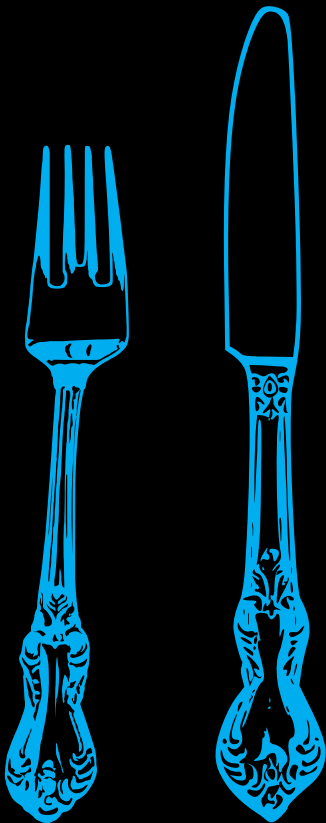
E é uma dificuldade, você fala o título ou o autor e eles não sabem nem escrever o nome do autor... Precisa ficar ditando o nome do autor...

Eu acho que existe muito preconceito do leitor capixaba. Do leitor. Não vocês como leitores, porque vocês são muito mais especializados do que o leitor comum. Vocês são universitários, de uma universidade pública, seus professores dão dicas, vocês tem um trabalho de literatura na internet, então vocês são outro tipo de leitor. Mas o leitor comum é muito levado pela lista de mais vendidos da Veja, é muito levado pela lista da Folha... e em alguns lugares rola o jabá. Quando o Licantropo foi lançado, um jornalista do Rio, a quem fui apresentado e que escreveu uma matéria até bacana sobre

meu livro, afirmou que é preciso pagar para divulgar livros em talkshows, no Brasil. Mas vale a pena, penso eu, porque uma nota, um toque, um alô desses caras pode transformar um livro em best-seller, independentemente das qualidade literária.

**Nesse sentido de pensar a cultura em geral, como você enxerga a falta de espaços culturais pra divulgação da literatura no Espírito Santo, e o que você acha que pode ser feito tanto em política pública como na iniciativa privada?**

Primeiro, tem que haver uma conscientização por parte do poder público de que leitura é fundamental e de que literatura não é uma arte distante da população, não é uma arte distante do público. Literatura pode ser uma coisa mais próxima. Existe um problema grave, e que é um problema mundial, que é o fato de que, pra se consumir literatura, gasta-se muito tempo, mais tempo do que para consumir música, cinema, teatro... Literatura é uma arte que não pode ser coletiva... Quer dizer, pode até ser, mas geralmente a leitura é uma atividade individual. Um livro, cara, é um veículo de informação, de arte, de prazer, de tesaõ, qualquer coisa. Não existe uma política séria pra leitura e pra produção intelectual no Brasil, a ponto de a produção intelectual no Brasil estar centrada só na universidade pública. A universidade privada devia ter isso. Quantos universitários são no Brasil? E quantos universitários lêem? Eu cursei Direito, fiz o curso de Direito da Ufes. Poucos liam. Ser um leitor, em muitos casos, parece maldição.





Certa noite, num restaurante, em companhia de minha mulher, me deparei com uma cena que nunca imaginei que pudesse existir. Havia uma mesa com quatro homens que deviam ter aí seus 40, 45 anos, minha idade. Aí um deles falou assim: "Porra, meu filho é viado!". Eu achei engraçado porque ele entoava as palavras como se estivesse protestando contra a opção sexual do filho. Na verdade, estava indignado porque o filho havia pedido um livro de presente. Quem se indignou fui eu, mas fui acalmado por minha mulher (risos). Ele continuou: "Porra, eu nunca li na minha vida um livro inteiro! Vai lá ver, ali!". E apontou pra uma BMW que havia do outro lado da rua, que era dele. Aí eu pensei: "Putá merda, bicho, é isso, né!". Olha a visão do cara: eu nunca li, e por eu nunca ter lido, eu ganhei uma BMW. Agora me mostra aí os caras que leram. "Grijó, você leu! mostra seu carro, Grijó!" Pô, tá ali! Aquela furreca alí!. Quantos colegas de vocês estão mais preocupados em ter um abadá do que em ler um livro? Eu não tenho nada contra isso... Quer dizer, tenho (risos), tenho, mas eu não posso interferir nisso aí. A única coisa que eu posso é lamentar de verdade. Talentos se perdem por uma falta de costume, mesmo, com leitura. E essa revista de vocês, eu vou divulgar muito, porque é uma saída, é uma alternativa.

**Grijó, eu fui no Café Literário também, e eu me lembro que você falou desse negócio de haver uma mobilização dos autores... Você tem alguma expectativa?**

Não, não, nenhuma. Eu

não acredito. Reinaldo falou certo. Reinaldo falou: "Grijó, você vai entrar nessa sozinho". Eu vou pegar meus livros e vou levar aos lugares. Eu vou levar meus livros aos leitores. Se eu não fizer isso, ele não vai chegar aonde quero. Como um livro chega a Belo Horizonte? Eu tenho uma filha que faz cinema de animação em BH, na UFMG. Ela pegou três livros meus e deu pra três professores dela. Os caras divulgaram o meu livro dentro da UFMG, cara! Três pessoas divulgaram o livro dentro da UFMG, que é cinco vezes o tamanho da Ufes! Agora, por que os professores da UFES não fazem isso? Por que no vestibular sempre caem os mesmos autores? Então, essa mobilização não chega a ser quixotesca, tá, mas é de um homem só. De um homem só mesmo. Eu vou pegar os livros e vou levar. Porque eu acredito no texto. Lorna Love eu não publicaria hoje, mas foi publicado porque ganhou um prêmio, embora, a meu ver, seja um livro adolescente. Alice eu já acho um livro mais bem estruturado. Com Viviane ao lado também, é um romance experimental, mais denso. Mas o primeiro livro em que eu acreditei de verdade foi Licantropo. Licantropo eu pego e não me envergonho dele. Todos os contos são bastante razoáveis. E Mariana M também. Então, é pegar esses livros, colocar dentro de uma sacola e levar aos editores. O cara pode pegar o livro e jogar no lixo, mas eu vou levar. Eu acredito nisso, eu acredito que devem ser divulgados.

**Grijó, acho que existe uma dificuldade também... tem coisas que não estão mais no poder do autor, que são um mistério. Como é que forma um leitor? São os amigos, a família...**

Acho que é o somatório mesmo. Mas a família é o fundamento.

Então... aí você vai lançar seu livro, mas como que você vai formar os leitores? Isso é um mistério.

Eu acho que passa muito pela questão: você tá me entrevistando aqui hoje. Aí eu falo: "porra, legal, Lívia foi aluna, não é mais, hoje é estudante de comunicação, porra ta lá na frente"... ai encontro você daqui a duas semanas num bar e me diz "Grijó, tô lendo tal livro"... Eu vou correr atrás, ver se o livro que Lívia me indicou é legal mesmo, e vou ter minha opinião. Acho que essa coisa do boca-a-boca ajuda.

**Só tem que começar, porque às vezes meus amigos, minha irmã mesmo gosta de ler, eu fico "lê isso", e ela pega, lê e gosta e fala "pô, legal, só precisava começar..." Um impulso, alguma coisa.**

Mas será que esse primeiro começo, esse primeiro impulso gera um costume? Acho que o grande mistério tá aí. Mas eu conheço gente que só lê aquilo que a revista Veja publica. Eu tive uma empregada que adorava ler. Tanto que eu dava livro pra ela de presente, pedia "Grijó, me dá um livro pra ler". Ela fez pedagogia. Deixou de ser minha empregada há uns cinco anos, e hoje é pedagoga. Já se formou já, tem uns cinco, seis anos isso. Ela vive pedindo livro emprestado, e eu dava de presente. Gostava dos autores mais populares.

**É importante, esses livros são**

## **uma porta pra você chegar a outros autores.**

Exatamente, ela criou um costume de leitura.

**Grijó, voltando rapidamente ao assunto que você comentou sobre livraria, só um comentário. É que uma vez me chamaram pra trabalhar na Logos, e o teste foi o seguinte: eu cheguei lá, fiz uma prova de matemática de regra de três, um formulário pra preencher com os dados, e me chamaram. Ninguém me perguntou se eu lia, entendeu.**

## **É um problema sério, né...**

Seríssimo...

Havia uma livraria em Vitória, cujo dono gostava de livros, gosta até hoje, é um grande amigo meu, Antônio Carlos. Era o dono da Don Quixote, ali na Aleixo Neto. O Toninho – esse é seu apelido – se recusava a trabalhar com paradáticos, por isso que quebrou, porque as pessoas não lêem muito, então ele vendia poucos livros. Mas era um cara que você chegava lá pra conversar sobre livros com ele e ele conhecia tudo. E é fundamental, cara, é fundamental que você vá a um lugar e o livreiro saiba atender... No Rio de Janeiro é diferente. São Paulo também. Vitória é um problema sério, muito sério. Vitória parece não gostar muito disso. Parece que o ambiente de Vitória não tem muito prazer em produzir coisa de qualidade. Ele gosta de banda Macucos. “Ah, vamos fazer

uma farra na pedreira”. Vitória é isso. As pessoas se juntam pra farra. Ao mesmo tempo, vem a sinfônica e lota. Eles fazem um concerto e lota! É um mistério! Existe demanda, existem pessoas interessadas. Vitória é uma ilha complicada...

## **Em seu romance, você começa falando que uma ilha é um bom lugar pra se fazer uma boa história.**

Foi Reinaldo quem falou isso...

## **Então, como é a Vitória dos seus livros?**

Uma ilha em que todos nós somos naufragos e eu me sinto um Robson Crusuê, em muitas situações, seja no trabalho ou não. Vitória, por eu me sentir naufrago, ela é adequada. Reinaldo me disse isso. Num romance dele, está escrito: “Vitória não é Ítaca, mas é ilha”. E isso ficou na minha cabeça. É essa ideia que eu falo lá. Vitória é uma ilha, não é Ítaca, mas é uma ilha cuja geografia é muito bonita. Vitória é uma beleza, geograficamente é uma beleza. Trinta e poucas ilhas, um arquipélago. Nunca vi de cima, mas vista de cima deve ser uma beleza. Imagino Vitória há mil anos, esse arquipélago há mil anos. Há dois mil anos, antes dos índios. Que beleza que devia ser. Fico imaginando, tô até pensando em escrever sobre isso: Vitória daqui a alguns anos desabitada.

## **E seus projetos pro futuro?**

Já tá quase pronto o livro de contos pornográficos. Que eu não sei se vou encontrar editora, não quero publicar em Vitória. São dez contos, nove tão prontinhos.

São pornográficos mesmo. Que dizer, Essa coisa de pornografia ou erotismo, que são coisas distintas, é meio complicada. São contos explícitos, de sexo explícito, mas nada que não seja literário. Minha ideia é levar o Licantropo e o Alice e vou falar pro editor: “Tô com o livro pronto, vocês lêem isso daí, se vocês gostarem, entrem em contato comigo e eu mando o original do outro”. Eu não vou levar o Licantropo pra divulgar, porque tem quase dez anos de lançado. Mas é pro cara entender como é que escrevo. Essa ideia existe.

E existe outra ideia que sempre me perturbou muito, que é o seguinte... Eu me lembro que, em 1972/73, eu era um garoto de dez anos de idade, passava um seriado na TV que se chamava “túnel do tempo” feito quatro anos antes de passar no Brasil. E, em 68, projetaram que em 1978 haveria uma estação lunar. Isso me incomodou muito... Essa ideia de que daqui a 100 anos a gente vai ter carro voando, a gente vai ter teletransporte. E eu tô pensando... Já escrevi quarenta páginas em um texto que fala de Vitória daqui a cem anos, no ano de 2105. Porque eu acho que daqui a cem anos, se tudo der certo, se não houver um caos absoluto, as coisas não vão ser diferentes, não. Vai existir gripe, vai existir crime passional. Nariz de criança vai continuar a escorrer, o petróleo continuará a ser a grande fonte de energia e assim por diante. Não acho que vai haver nada demais. E é um texto que vai ser narrado por um anjo que é justamente o fantasma do Chet Baker. Ele que é o narrador da historia. Foi prum lugar, virou um anjo, e voltou pra con-

tar a história de Vitória em 2105.

**Suas histórias sempre parecem dialogar com o leitor, principalmente no Licantropo. As personagens sempre estão falando com o leitor ou, pelo menos, tem aquela sensação do voyeur.**

É uma necessidade. Acho que sou tão frustrado por não ter leitores que tento criar esses diálogos. Eu falo que não tenho leitores, mas eu acho um pouco exagero. Acho que sou um dos escritores mais lidos aqui. Devo ter o quê? Uns 200/300 leitores. E muita coisa. Mas sim, eu tento dialogar o tempo todo com o leitor, ele é uma peça importante no texto, sem ele o texto não faz muito sentido.

**E sobre as mulheres? São o seu tema preferido...**

Eu gosto demais de mulher! Eu gosto tanto de mulher que eu a produzo, eu só tive filha! Só tenho filhas. Duas!. As mulheres sempre foram um grande motivo pra eu escrever, certo. Não gosto muito de escrever sobre homem.

**De todas as suas personagens, qual a sua...**

Que eu tenho uma preferida? Ah, eu tenho! Acho que, a mais saborosa de todas, a mais gostosa é a Viviane. Do livro Com Viviane ao lado. Ela não aparece, ela aparece só pela cabeça dos personagens. mas é uma mulher excepcional, gosto muito.

**Até mesmo no seu blog a gente percebe isso, né. A construção da personagem feminina passa primeiro...**

Eu sou altamente criticado! Dizem que eu não gosto de mulheres negras, que eu não gosto de brasileiros, que eu só gosto de loira...

**Mas e a construção dessa personagem feminina pelo corpo? Como é que... tem gente que se adapta exatamente por esse ponto, primeiro o corpo pra depois ter realmente a face da história**

...

Rapaz, eu acho que é uma revelação mesmo do que eu penso. Não que eu não respeite as mulheres pelo que elas produzem intelectualmente, pelo contrário, respeito muito. Mas eu acho que a parte feminina que tem mais sabor é o corpo. As ideias das mulheres são iguais às ideias dos homens, não tem sabor. Como eu não gosto de experimentar corpo masculino, eu preciso experimentar corpo feminino. São muitas saborosas, as mulheres são... Isso aí que a gente chama de natureza, de produção natural, não tem nada mais saboroso que mulher. E acabo escrevendo sobre elas. A sua pergunta é sacana (risos).

**É a melhor desculpa pra não dizer que as mulheres são mulheres-objetos... (risos)**

Não, até que não, porque olha só, Mariana não é uma mulher-objeto...

**Mas Mariana é passiva, especialmente pelo fato dela ser tradutora, ela não escreve por si, mas ela traduz o texto de outra pessoa.**

Ela é tradutora, sim, certo. Mas todo mundo ali é tradutor.



Todo mundo ali no livro é passivo. Viviane não é uma personagem passiva. No primeiro conto de Alice a mulher que é séria, que é Alice, a que fica presa... tá, é passiva... Algumas são ativas, outras são passivas, fica no meio termo. Mas todas elas são deliciosas. Não consigo escrever sobre mulheres feias. Você não consegue escrever sobre mulheres feias, é igual escrever sobre homem! Tem uma frase daquele filme delicioso com o Jack Nicholson, chamado Melhor é impossível, em que ele é um escritor famoso, ai ele ta entrando no elevador e chega uma mulher e fala assim: "Eu adoro o que você escreve!" E ele pensa: "Meu deus, isso é um pesadelo". Aí, ela diz assim: "Quando eu leio toca aqui, e aqui, como é que você escreve tão bem sobre mulheres?" E ele fala: "eu penso um homem e tiro o senso de responsabilidade". Perfeito, cara. Claro, é uma frase sacana. Mas é perfeita. Se eu quero escrever sobre uma mulher feia, uma mulher que não me agrada, eu penso num homem, e crio uma mulher.

**E quanto à protagonista do conto "Todos os poemas para Thereza" (Nota dos editores: publicado em 1995, na coletânea Mulheres – Diversa Caligrafia, da qual Grijó participou com este texto)?**

Teresa é uma mulher ativa, e ao mesmo tempo é apaixonada pelo marido. Ela parece um pouco resignada. Parece gostar muito do fato de ter um homem telefonando pra ela mas ao mesmo tem-

po ela não dá corda, por medo, por resignação. É o que eu acho, não está escrito isso no texto.

**Eu acho que a intenção que ela me passa no texto é que o tempo todo ela sabe que o tal homem é o marido e... ela sabe, ela tá passando a perna nele e ela deve pensar: "melhor isso do que ter o que eu tenho todos os dias"...**

Olha, isso prova que o texto vai além do que eu penso! Eu nunca imaginei... eu sempre imaginei que ela gostasse de receber os telefonemas mas não que ela soubesse... não tinha pensado nisso... achei legal.

**Acho que muitos dos seus contos, dentre os preferidos por todo mundo aqui, são os com temas mais policiais... Como é que é esse negócio de gostar de mulheres e gostar muito do gênero policial?**

Eu gosto muito de literatura policial. E não precisa ser de qualidade não. Eu gosto... eu acho o Chandler, James M. Cain, Dashiell Hammett e Chester Himes excelentes, eu gosto de todos eles. E eu sempre quis escrever um livro policial. Mas eu não acho que Mariana M seja um livro policial, ele tem algumas referências de um texto policial mas na verdade ele é uma história de amor. Mas como eu gosto muito de literatura policial eu acabei influenciando e como existe um editor de livros policiais eu acabei fazendo essa brincadeira com a metalinguagem...

**... do proprio personagem ser contra os contos policiais.**

Sacana, né? Despreza mas lê, despreza mas lê e conhece literatura policial profundamente. E despreza...

**E nesse sentido dos escritores que aparecem na sua obra? O Gabriel Garcia Marquez fala que decidiu ser escritor a partir de Kafka. Tem um livro que...**

Um livro que eu releio todo o ano... dois livros. Um eu leio todo o ano, todo o ano, próximo ao meu aniversário eu leio. É o Alice, Alice no país das maravilhas. Leio, acho que já li umas doze ou treze vezes. Releio sempre. E o outro é um livro do Vonnegut, de quem eu sou fã. Eu me orgulho de ter lido todos os livros dele. Todos eles. Um livro que ele escreveu que foi o primeiro livro dele que eu li, é um livro de contos chamado Bem vindo à casa dos macacos. Uma vez, a moça de A Gazeta me ligou: "Grijó, se você fosse pra uma ilha deserta, qual livro você levaria?". Eu falei: "Robinson Crusoe". Ela não gostou da brincadeira não. (risos) "Fala sério, Grijó, fala sério!". Eu disse: "eu levaria um livro do Vonnegut: Bem-vindo à casa dos macacos... Ele foi um cara definitivo, assim como o Mailer, que eu li e falei: eu quero escrever como esse cara escreve. Porra bicho, quanta alegria me dá ler e reler o Vonnegut. Muita alegria, muita.

**E como foi começar a escrever?**

Eu não sei, eu não sei. Mal me lembro que a primeira vez que eu escrevi... (risos) Eu sou o pior poeta que alguém pode ler! Isso aí eu tenho tranquilidade em dizer. Eu escrevi uns poemas e... lixo. Só que eu achava que eram

bons na época. Comecei a escrever com 18 anos de idade, eu estava na universidade, fazia Direito e me tornei professor. Aí a escola me obrigou a fazer Letras. Falou: "ó, pra você assinar na pauta, você tem que ser estudante de Letras". Aí no outro ano eu fiz vestibular pra Letras. E entrei pra Letras em 81. E fiz Direito e Letras, ao mesmo tempo, na época podia. Aí, em 82, Deny Gomes abriu uma oficina literária. E eu entrei nela. Isso foi uma revelação pra mim. Sem contar que eu conheci muita gente, também na oficina: Waldo Motta, Paulo Sodré, aí é que surge a tal da geração 80... Éramos estudantes. Vários caras que foram impulsionados a partir daí. E eu fui escrevendo. Alguns leram e disseram: "Grijó, você não leva jeito para a coisa". E outros: "Grijó, você é um cara bom". E eu fui lendo, lendo, lendo... ouvindo muito, aprendendo muito com eles, principalmente com Deny, tendo a humildade de aceitar dicas. Houve então o concurso literário em 1986, reuni meus contos, mandei pra lá e acabei ganhando o prêmio do concurso. Aí, eu me achei o "Vonnegut" de Vitória! Ganhei dois mil cruzeiros, peguei o dinheiro todo e comprei um carro... e o livro foi publicado. Dois anos depois, me animei e publiquei o Alice. E não parei mais de publicar. Porque ser escritor é ter disciplina e escrever sempre. Às vezes pego o jornal e leio "Fulano de tal, escritor". Porque escritor? Porque publicou UMA crônica? O cara que escreveu um poema pra namorada por acaso é poeta? Escritor é aquele que escreve, que publica, é aquele que, se não prioriza a literatura, ao menos leva ela a sério, sempre.

**FRANCISCO GRIJÓ** nasceu em Vitória, ES, em 1962. Publicou *Diga adeus a Lorna Love* (contos, 1987, anima/FCAA), *Um outro país para Alice* (contos, 1989, FCAA), *Com Viviane ao lado* (romance, 1995, Cultural/ES), *Mulheres – Diversa caligrafia* (contos eróticos, 1995, em parceria com outros autores, Cultural-ES), *Licantropo* (contos, 2001, Flor&cultura), *Histórias curtas para Mariana M* (Romance, 2009, Flor&Cultura). Atualmente, prepara um novo volume de contos, intitulado *Todas elas agora*.



H

A

S

N

E

S

E

R



## LICANTROPO

Para falar de *Licantropo*, baseio-me em duas idéias pré-concebidas. Uma a ser desfeita, e outra, comprovada.

A que se desfaz é a idéia de que Vitória é uma cidade pacata. Mérito de tramas envolventes e instigantes, após a leitura do livro, é difícil andar pela cidade sem procurar os locais onde os contos se passam. As redondezas do Parque Moscoso e seu lobi-somem, que devora dois policiais na curva da General Osório; o Ed. Serafini e seu suicida, que antes de pular observa a Saturnino de Brito e a praia de Camburi; o Ed. Mar do Norte e Thereza, seguida todos os dias por um homem que lhe dedica todos os seus poemas; Os encontros de Viriato Gambini, entre tantos outros locais e pessoas que dão à ilha muito mais movimento do que ela parece ter.

A idéia que se comprova é que não se deve confiar em nenhum tipo de artista que não cozinhe e não beba vinho. Os dois hábitos aguçam a sensibilidade para texturas, cores, gostos, aromas, detalhes. Deve ser por isso que Grijó consegue narrar tão bem incríveis e deliciosas cenas de sexo. Descreve mulheres, de todos os tipos, em suas minúcias. Algumas delas, inclusive, têm o prazer de se deliciar com vinho e jazz, música que deveria entrar na lista de hábitos que aguçam os sentidos. Não confie em autores que não cozinhem, não bebam vinho e não escutem jazz.

As mulheres são muito contempladas no livro. Pelos homens, e por si mesmas. Algumas vezes, a forma como uma mulher se enxerga e analisa, parece muito mais a forma como um homem imagina que ela pensa. Mas a fórmula funciona muito bem e, ao final dos textos, vendo todo o conjunto da obra - toda a mulher revelada - se mostra imprescindível.

## HISTÓRIAS CURTAS PARA MARIANA M.

Antes de tudo é preciso descrever o ambiente em que eu li *Histórias Curtas para Mariana M*: sou filho (e neto) de professores e há livros por toda a casa. Uma pequena biblioteca que se interliga à sala, à copa e à cozinha que me permite, sentando no sofá, o acesso há livros e mais livros que foram acumulados há pelo menos cinqüenta anos. E isso é o mais importante: para ler esse livro de Francisco Grijó é preciso, de certa forma, o acesso a outros livros.

De início, posso citar dois: *Decamerão*, de Bocaccio, e *A Vida e as Opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy*, de Laurence Sterne. Ambos os livros compartilham de uma característica que *Histórias Curtas para Mariana M.* persegue: a capacidade de se separar, cortar, bipartir em diversas outras possibilidades, num conjunto de contos que – a cada vez que são lidos – são capazes de reconfigurar o romance, de reconstruí-lo e ressignificá-lo. Essa história de amor disfarçada de conto policial pede muitas e muitas leituras para se desdobrar por completo, isso é, se isso fosse possível. Além dos diversos itinerários de leitura, dos escritores policiais que são constantemente analisados, rechaçados e comentados, existe uma gama de autores que existem apenas para esse universo de Grijó. Um jogo que me remete a outros livros. Alguns que existem apenas no campo da possibilidade.

Nesse vaivém de cultura e de probabilidade, não apenas a literatura tem a sua vez. O som do jazz permeia toda a obra, bem como o cinema – representado por um filme com um sugestivo nome em latim e algumas figuras desenhadas à luz, como musas cinematográficas, das quais Mariana faz parte. Aliás, há uma diferença nessa mulher de Grijó. Ela é saborosa, como ele mesmo define algumas de suas personagens prediletas, mas é, além disso, uma figura afetuosa, uma memória que parece, sem querer, ter saído da cabeça do escritor e tomado conta da sua obra. Algum apego bem perdido. Ou bem achado.

## ASTRAL

### James Joyce em Gêmeos e Lua Nova em Virgínia Woolf

**O CÉU É PARA TODOS** A quarta-feira amanhece carregada de emoção graças à presença de quatro planetas importantes em signos de fogo. Com a lua se encontrando com Vênus em Leão, o céu transforma o afeto numa energia brilhante que deve ser dividida pelo maior número possível de pessoas.

## SANTO DO DIA

### DAVID BOWIE

**LONDRES, 8 DE JANEIRO DE 1947** nascido em Marte e criado em Londres, São David Bowie é cantor, tecladista, músico experimental, bom ator, ator sofrível e alienígena. Protege todos os seres humanos de frequências malignas emanadas por celulares em conduções coletivas, vizinhanças barulhentas e outros atentados à paisagem sonora local. É padroeiros dos carentes, dos compulsivos e de quem já quis pegar todo mundo que ele já tem no currículo: Cherry Vanilla, Ava Cherry, Iggy Pop, Lou Reed, Mick Jagger, Ron Asheton, Melissa Hurley, Bebe Buell, Cyrynda Foxe, Sable Starr, Kate Moss, Angela Bowie.

E ele mesmo.

### BRUNELLA BRUNELLO

#### Mesa de Boteco é Divã

Com a lua em três planetas transitando em signos de fogo, você vai amanhecer cheio de disposição. O risco é exagerar na animação e atropelar um relacionamento que estava prometendo grandes alegrias...

### DANIEL VILELA

#### A História Social do Ciúme

Com Vênus na casa da rotina, você vai reagir às consequências do que andou fazendo. Se trabalhou bem, os aplausos. Se não trabalhou, a cobrança. Se comeu demais, os quilos extras. Agente as consequências.

### LEANDRO REIS

#### Réplicas

Com a Lua em Leão, o céu oferece um brilho extra à sua personalidade. Desfrute o sucesso, mas não se exponha demais. Isto pode prejudicar uma oportunidade que pode surgir a qualquer momento.

### FERNANDA BARATA

#### No fio, pela janela

Você tende a encarar de forma emocional os convites que recebe para acontecimentos sociais. Com Vênus na casa dos amigos, tome cuidado para não procurar nas festas a saída para os problemas da carreira.





## MAINÁ LOUREIRO

O do Coração

Com a Lua se encontrando com Vênus, seu coração pode se derreter diante de um olhar mais carinhoso. Você pode escolher viver um novo amor experimentando as sensações que a realidade oferece.



## RAFAEL ABREU

Ex-

Marte oferece uma dose extra de magnetismo para a sua sedução. Com a ajuda da Lua em Leão, você pode cair na armadilha de conquistar alguém só pelo prazer da conquista. E acaba sendo conquistado.



## LUCAS ROCHA

Monólogo

Com a Lua se encontrando com Vênus no seu signo, você vai recuperar uma parte da animação que andou sumida. Aproveite para procurar os amigos Mas não exagere. Hoje ainda é quarta-feira.



## LÍVIA CORBELLARI

Verdades, mentiras e conhaque

O clima emocional que aparece quando a Lua se encontra com Vênus pode lhe trazer desconforto. Como se todos estivessem iluminados e você pudesse ver o que se passa no interior de cada um.

## SIMPATIA

### Para perder peso com a ajuda de Santo Antônio

**NUMA SEGUNDA-FEIRA**, pegue a imagem de um Santo Antônio de Pádua e a cubra ela totalmente com uma fita métrica. Em seguida, deite no chão com os joelhos flexionados e leve a ponta de seus dedos até seus pés. Faça isso 300 vezes por dia.

## I-CHING

### Jia Zhang-ke

**CHINA**, Hoje é o dia em que os deuses podem se colocar ao seu favor. É bom cuidar da saúde e tomar cuidado com falsos amigos e regimes ditatoriais. Vá com calma, seu trabalho pode ser recompensado com a vitória em uma grandes festival francês.

## TAROT

### O Louco

**ESTE ARCANO PODE**, entre outras coisas, lhe dizer que algo não vai bem com seu psicológico. É bom se controlar e prestar atenção em seus atos para evitar qualquer surpresa.



# BRUNELLA BRUNELLO

## *Mesa de Boteco é Divã*

---

Você pode me dar um cigarro? Não, eu nunca fumei antes. Mas agora preciso de qualquer substância no meu corpo que me faça sentir um pouco menos que eu sou eu. Entende? Acho que para a primeira vez o cigarro pode funcionar. Sei, sei que depois disso é só ladeira abaixo.

Tem um isqueiro? – acende, traga, sopra – alívio. Ou não. Passou rápido. Mais uma. Tá. Passa por um segundo, depois volta. Volta a merda toda. Eu volto pra mim. Entendeu?

Me vê um café. Forte, sem açúcar. Rápido. Alguma coisa que você serve aqui tem que funcionar. Bem quente, quente mesmo. Daqueles que queimam a garganta. Isso, obrigado. Ai... Alívio. Diferente do cigarro. Ele queima a minha garganta, o meu mau-humor, minha tristeza. Olha, continuou. Acho que eu vou terminar a xícara e sair daqui. Mas um pé na rua, e a coisa volta. Eu volto. Entende? Eu te entendo. Às vezes, eu também não.

Está tudo muito cinza. As pessoas só vestem casacos pretos. As paredes são pintadas de branco e pixadas de preto. E com o tempo o desenho vai ficando branco e a parede preta. Mas sempre do branco pro cinza pro preto, ou do preto pro branco pro cinza. Dá vontade de jogar esse meu casaco vermelho no lixo.

Eu estava passando em frente a um muro enorme, que tem numa rua ali atrás. Era branco, ficando cinza de sujeira

e fumaça. Com milhares de desenhos do chão ao topo, de uma ponta a outra. Metros e metros de desenhos em preto, bem marcados, mas eu nem consegui dizer o que a coisa toda era. Acho que era eu.

Eu estava usando este casaco. Foi tão estranho. Porque minha pele é branca e meu cabelo é preto. Então do jeito excluído que me sentia no muro e em mim mesma, meu casaco se excluía em mim. Eu não saí correndo do muro. Nem o casaco de mim. Mas era estranho. Sem o casaco, eu seria confundida com a parede.

Me dê outro café, por favor.

Aquela parede era o mundo. E eu estava fora dele. E o meu casaco era eu e eu estava fora do mundo que era eu. Não. Eu não acho melhor tomar uma cerveja. To bem com o café. Você é meio impaciente. Mas tem boa feição. E é sincero. Eu perguntei tanto à parede e ela não me disse nada.

Aí, triste, continuei meu caminho. Que marca de café você usa? Ah, entendi. O segredo está nas mãos da patroa. Vocês são felizes. Bonito isso. Tão bonito que eu até fiquei triste. Me dê outro cigarro. Obrigada. Isqueiro? Valeu, Gente Boa!

Acho melhor eu ir andando antes que passe essa minha porcária interior para vocês. Quanto deu? Está aqui. Pode ficar com o troco. ■



# DANIEL VILELA

## *A História Social do Ciúme*

---

Da tese: pouco tinha escrito. Na verdade, quase nada. Se reservou ao direito de enfiar o nariz por entre a costura dos livros e retirar de lá cada detalhe, miudeza ou caractere perdido. Pouco voltou para falar ou, quando pretendia, adormecia de forma tão brusca e inesperada que só acordava com ela abrindo as janelas e deixando a luz invadir e rasgar as retinas. Brigavam com certa freqüência, como se tivessem tirado longas férias, carnavais de si, e reclamassem de uma carência incorrespondida pelo excesso. No fim, ela sempre voltava das quartas-feiras de cinza com o papel de pão; e ele saía de trás dos óculos e propunha-se a sair da preguiça para reescrever algum pequeno pedaço ou inventar uma nova desculpa. Faziam dias que não ouvia nada mais sair da boca dela do que grandes pedaços de romance, invenções e outras bachiannas. Pouco se irritava com o silêncio dela; fazia, pelo contrário, como ato preferido e demonstração de afeto. Nada podia ser mais escandaloso do que ter que abandonar o ventilador de três pás para sentar-se no calor do sofá e ouvi-la ler frases machadianas e dissertar, com precisão estrábica, sobre as dúvidas, calúnias e ciúmes.

Ganhou aquela edição numa espécie de acordo de paz do irmão; não eram exatamente gêmeos, mas eram como. Pareciam-se do nariz até a borda das orelhas, diferenciando-se pelo sorriso levemente rangido do mais velho. Filho do primeiro casamento. O outro: nasceu de um relâmpago, acreditam que seja do

terceiro, o menos oficial de todos, celebrado num salão de jantar; há tempos, de traquinagem, dois ou três moleques roubaram a agenda do rabino e preencheram todas as sextas-feiras com o nome de Avram e uma longa diversidade de nomes femininos, passando pelos conjuntivos, aplicados posteriormente a uma Maria ou Ana, até homônimos sarcásticos preenchidos pela dúvida do que ou quem seria, afinal, aquela Gilberta. Não houve qualquer crítica do sacerdote, ao contrário, disse por aí que certos presságios não deveriam ser assim ignorados. De qualquer forma, eram filhos quase únicos se não fossem pela existência alheia. Isaac, professor de hebraico, vintesseis anos, doutorando; Ismael, cinco anos mais novo, dava aulas de francês por diversão e gala – certas possibilidades de pôr-se para dentro do quarto das meninas sem as habituais escaladas ou a necessidade de esconderijo aos olhares paternos. Invadia a casa do irmão com certa freqüência (desconfiavam que tinha a chave), arrastava-se do sofá para a geladeira e desorganizava os livros em busca de algum trocado esquecido por marca-página. Quando expulso, voltava dois ou três dias depois com um livro, daqueles feitos com papel de jornal. Quando não títulos horríveis de escritores duvidosos, trazia um ou outro romântico, numa capa dura, comprado na banca de jornal. Todos automaticamente representáveis para ela.

Chama-se Bárbara, bem como Lúcia. Escondia o segundo nome com uma

pequena falha, feita à unha, na carteira de identidade; chamavam-na de Babel, não pela quantidade de conhecimento lingüístico, mas pelo número quase absurdo que representava a vazão de sua fala. Não se sabe de onde surgiu, apenas que apareceu e ficou; talvez na fila da padaria, local comum para o seu encontro, perdida por entre as prateleiras de sonhos e biscoitos de polvilho. Ganha todos aqueles exemplares, exceto pelo último; tratava-se uma edição igualmente vagabunda, mas de Dom Casmurro. Fazia parte da tese e a outra publicação havia desaparecido na bolsa de Babel; achava de tudo, do batom às canetas esferográficas, menos do romance levado na bolsa. Pouco adiantam as caras feias e os bicos: vão se as anotações, mas ficam as teses.

E as dúvidas; eram muitas e deveriam ser sanadas em breve. O prazo se arrastava como as longas leituras de Babel no sofá. Fazia as vezes de narradora machadiana, fazia vozes e repetia diversas vezes grandes períodos que pouco lhe diziam, tanto pela miopia da leitura quanto pela complexidade dos vocábulos. Queria penetrar tão densamente na cabeça dele que a cada encontro, na cama, mordida-lhe as orelhas e lhe colocava, ali, idéias de Capitu. Dizia-lhe outros nomes, de romances inacessíveis, sejam passados pelos folhetins ou pelos colos; é claro, nunca lhe dera motivos, santa como uma Madalena – ainda que um tanto comunista. Desagradava-lhe o coronelismo dos livros, as estantes que se punham entre suas falas e as páginas impossíveis de serem contornadas. Do segundo romance da tese: São Bernardo.

Essas idéias já não são de Babel, são dele.

Senta-se na beira da calçada e espera; chegam cada vez mais atrasados. São dez ou quinze minutos, suficientes para murchar os pães e os bons dias. Entram, vão logo ao sofá e fazem vezes de vozes primárias e secundárias; entram na

tese e a interrompem, transformando-a num conto, um romance muito breve de imaginações contidas e maus sentimentos. São deles, propriamente, que é feita toda a literatura. Avolumam-se nos livros, como um mofo, e saem para passear as escondidas, mordiscando as orelhas e assentando-se por elas. Vivem muito e são resistentes; se dão por vencidos apenas pelo fogo ou algum fungo inquisidor. Se multiplicam rapidamente, como um vírus, e logo tomam o corpo. Primeiros sintomas: desregula-se a força de pés e mãos. Estranham-se com facilidade, os primeiros ao chão, seguidos por aqueles que pretendem arrancar braços e cabelos. Tornam o nariz sensível a qualquer cheiro, dando-lhe direitos investigativos por trás de afetos. Por fim, surge uma necessidade exagerada, como apego, a documentações e contratos; nada mais que se fale, valha.

Na manhã seguinte, Babel trouxe a mala antes do saco de pão; encarregou Ismael de trazê-lo sobre o protesto de Isaac. São as uniões que devem ser estáveis e considera-se a dos três mais do que como pares. É claro, Babel nega tenha outro par e Isaac faz de conta que se deixa levar. Dorme e acorda na desconfiança; se, por início, era ela que se pendurava com os dentes em sua orelha, era ele que agora se colocava em seus sapatos. Analisava deles cada poeira estranha ou gasto maior do que o necessário aos paralelepípedos da rua; inclusive a da sinagoga. O rabino se recusou passar por lá durante certo tempo, enquanto suas funções fossem confundidas com as do padre; do mais, mostrou a agenda, completamente lotada para aquele e outros meses, na surpresa de que há mais Avrams naquele bairro do que qualquer outro. Do mais, se da fé não se consuma, pelo pecado é tudo infinitamente mais certo; inclusive a precisão dos dias e das febres – de enjôos tão fortes e incômodos que foi preciso afixar na porta do banheiro um aviso que a desse o direito

de prioridade.

Prioridades que lhe agradaram ao fato de nunca mais ficar na fila, esperando pão, todas as manhãs. Ao primeiro sinal que despontasse a barriga, colocava uma roupa mais justa e passava à frente de todos; nunca mais precisaria, se atrasada, fingir passar mal ou ter esquecido os óculos para burlar a ordem de atendimento. Odiava apenas as consultas; era incapaz de arranjar uma desculpa para passar a frente de quem tivesse menos barriga ou semanas. Talvez por isso guardara a surpresa para o dia de nascimento; eram gêmeos – infinitamente parecidos, mas completamente diferentes. Pela lâmina da cirurgia e a desatenção média, a vaga lembrança não confirmava a quantidade de placentas.

Para Ismael, uma incontável diversão. Entrava pela casa e fazia os pequenos chorarem; trocava-lhes as roupas e as posições. Vezenquando, destroçava. Mas o olhar hábil de Isaac, já com tese defendida - ignorada por completo, não lida por ele, nem pelos professores da banca que lhe deferiram o título por certa piedade aos romances – fora o suficiente para colocar de volta as cores e os gêmeos de volta a sua posição inicial. Fizeram e desfizeram tantas vezes que, quando Babel soube, já não sabia para quem dar qual nome; Isaac, é claro, olhava os filhos – para ele supostos – e procurava entender de quem eram aquelas orelhas, não dele, nem de Babel; muito próximas, a propósito, das suas. Perguntou ao pai de quem teriam puxado e o velho Avram, sem pestanejar, disse que eram dele, não mais de ninguém, e que teria passado aquela característica aos filhos – idênticos também pela orelha – e que passara isto para os netos.

Por sorte ou azar, Babel teria dito – ainda sem muito ver Ismael por entre as fotos – que os diferenciava, sobretudo, pelas orelhas. Já lhe disseram uma vez e

tratou de repetir que certos presságios não deveriam ser ignorados. Entretanto o pouco dinheiro produzido pelas aulas não lhe dava a oportunidade da vingança; era preciso um pouco mais para fazê-la pôr uma corda no pescoço ou mandá-la para África com recomendações à malária e às doenças tropicais. E Ismael não se intimidava pela consciência, sequer dele, quanto mais coletiva; nem se arriscava por mares e suas ressacas. Dormiu pelas prateleiras em busca de soluções, quase seis dias para, enfim, no sétimo encontrar a melhor das soluções. Saiu à frente de Babel, adormecida por entre os lençóis e o frio, e foi até o cartório. Debruçou-se no balcão por desrespeito mútuo e disse, com a cabeça quase em chamas: chamam-se Caim e Abel. ■





# LEANDRO REIS

## *Réplicas*

---

- Se liga, filha da puta, isso aqui é um assalto! Tu perdeu, mermão! Abre a bolsa pra mim dar um saculejo! Vamo, porra! Tu quer morrer, filha da puta? Abre essa porra! – bradou o assaltante, apontando uma arma para a minha cabeça. Eu tinha acabado de saltar do ônibus.

- Sabe o que é engraçado? ...

- Cala a boca, filha da puta! Abre essa porra, ligeiro... ligeiro, porra!

- ... O engraçado é que você tem uma pistola apontada para a minha cabeça e eu não dou a mínima. Mas a pergunta é: eu não dou a mínima para a minha vida ou não dou a mínima para as suas ameaças?

- Tu tá de sacanagem, porra? – ele bate a pistola no meu rosto e continua a esbravejar – Vamo logo, caralho, abre essa porra! Tu vai morrer, filha da puta!

Lentamente, abro a bolsa e pego um maço de cigarros. Tiro um do pacote, acendo e começo a fumar. O bandido olha incrédulo, enquanto o ofereço um cigarro. – Você fuma?

- Que porra é essa? Tu vai virar pe-neira, mermão!! – com a voz trêmula, ameaçou.

- Eu acabei de flagrar minha namorada com dois caras, fui despedido do trabalho e peguei o ônibus errado. Você realmente acha que eu me importo com

uma arma que tem escrito “réplica” apontada para mim?

Ele arregala os olhos, avermelhado por substâncias ilícitas, e abaixa a arma.

- Você devia se envergonhar por ser só mais um clichê de delinqüente da cidade-grande. Você é como a sua arma, uma réplica.

- Eu... Porra... – resmungou, coçando a cabeça, amarelada por água oxigenada.

- Cala a boca e senta aqui no meio-fio. Vamos conversar.

- Qual é, tu não vai chamar os homi não, né? – perguntou, preocupado.

- Quê? Se você estiver se referindo à polícia, não. Por que vocês têm que falar assim, “os homi”? Sabia que existem mulheres na polícia também? Além de burros, bandidos são machistas. Vocês deviam aprender a falar.

Olhou, incredulamente, mais uma vez.

- Mas não quero falar sobre seu analfabetismo. Essa é a última vez que eu te ofereço: você quer um cigarro? – inclinei o maço para ele, que dessa vez aceitou.

- Se vamos conversar – continuei - você deveria começar pedindo desculpas a minha mãe.

- Tá louco, mano? Não fiz nada com a tua mãe!

- Não? Você lembra como fomos apresentados? Você chegou chamando a minha mãe de puta. Nossa amizade já começou errado. Sem falar na porrada que você me deu com essa pistola.

- Não é pistola, mano, é réplica.

- Você entendeu.

- Já é, já é... Desculpa aê.

- Então, como você entrou nessa vida?

- Porra, mano... Tá ligado de qual é, nasci na favela, sem grana, preto... Tu tem que ir pra correria, sempre na atividade... Se não é vala. Se tu não joga bola, tu vira bandido.

- Quer dizer que todo favelado que não vira jogador de futebol, vira bandido? Você está errado. Tem muita gente pobre que arruma trabalho e não precisa comprar arma de brinquedo para roubar. Existe serviço para todo mundo, é só procurar. Você acha que trocadores de ônibus, camelôs, vendedores de pipoca nascem aonde? Sempre há escolhas.

- Tu fala isso porque não sabe o que é passar fome, nascer pobre... Tu teve escola, família, roupa... Mandar essa de escola é fácil, mano.

- E você acha que quem tem dinheiro não tem problemas? Essa conversa de "nasci pobre" não funciona. Eu passei por muita coisa ruim também, não é só falta de dinheiro que é obstáculo. Você faz o seu destino, meu caro.

- Boto fé. – concordou, já que lhe faltava vocabulário para discordar.

- Ok, eu tenho que ir para casa. Está

escurecendo e eu não quero encontrar nenhum amigo seu com outra réplica na mão. Adeus.

- Aê, mano... Valeu aê. Tamo junto, fala que é nois. – bateu no peito duas vezes e fez um sinal estranho com o dedo médio e o indicador.

- Não entendi porra nenhuma, mas você deve ter me agradecido. Quando voltar para o morro, fale com seus amigos que você teve uma epifania, depois explica o que aconteceu.

- Epif... Fepif... como é que é o bagulho?

- Epifania. Tchau. – com um breve aceno, deixou seu discípulo sentado no meio-fio.

- Epif... Api... Pif... Epif... Palavra difícil do caralho, mermão. Ei, ei! - berrou, ao avistar uma mulher sozinha - Fica quieta, filha da puta, isso aqui é um assalto!

- Sabe o que é engraçado? – perguntou a moça, calmamente. ■





## FERNANDA BARATA

### *No fio, pela janela*

---

Passarinho bom é assim: no diminutivo.

Biquinho curto de embocadura milímetro

pra ter carinho até no comer, que também é frágil:

formiga, cupim, sabe, insetinho?

Pluma fofinha, cor de o que bem quiser, não importa,

desde que fique arrepiada, bagunçadinha de chuva,

ou de muito sono – que é mais quentinho.

Mas tem que ter barriguinha fofa, gorda de frutinha colorida,

de fazer vôo lento, tanta a comilança.

E cara de dúvida, que é olhinho arregalado em cabecinha meio de lado

– que de não entender entorta.

Importante: cantar discreto, fininho – tipo teia de aranha,

que a gente por pouco não percebe.

Porque cantar baixinho é parte da graça, é melodia que sai curta,

às vezes aos pulinhos,

com uma pausa pra matar a sede.

Daí vai embora e a gente fica só admirando,

querendo mais, curtindo mini saudade.

Ou não seria passarinho mesmo.

Seria bicho urbano, rato da cidade. ■







# MAINÁ LOUREIRO

## *O do coração*

---

No meu aniversário de 17 anos ganhei um mapa-múndi enorme do meu avô e a promessa de uma viagem no ano seguinte para o destino que eu escolhesse.

Todos os dias antes de dormir traçava as divisas dos países com os dedos e lia seus nomes em voz baixa, imaginando como seria caminhar por aquelas fronteiras.

Eram tantas opções, eu nem sabia por onde começar. Não sabia nada sobre nenhum daqueles lugares maravilhosos. Comecei a pesquisar, precisava basear minha decisão em alguma coisa coerente. Não deu certo, todos tinham seus prós e contras.

Um mês antes de fazer 18 entrei em desespero. Fiz uma lista com o nome de todos os países, cortei os papezinhos em forma de retângulo e coloquei dentro de um chapéu da minha mãe. Respirei fundo umas três vezes e fechei a mão em volta de um dos papéis.

Corri até a casa do vovô ainda com a mão fechada para que descobríssemos juntos qual seria o meu destino. Abri a porta e estranhei a família toda ali. Chorei quando me contaram do ataque que me roubou a viagem e o avô. ■





# RAFAEL ABREU

*Ex-*

---

Virada do século e eu em outro ano, em outra onda, falando com um você que nem você era:

-Sabe a redoma de vidro? Pois é.

Eu, que nunca tive muito interesse pra comprar uma câmera ou criar uma metáfora, faço hoje meu retrato porque foi você quem pediu, e, pra piorar, com todas as letras, virou pra mim e disse Me dá um auto-retrato, vai, eu penduro ele na sala e fico olhando o dia inteiro, você deve ficar tão bonitinho traduzido em letras.

E agora eu tenho que enfeitar, é claro, que retrato curto, seco e grosso, ninguém quer. O negócio é que nunca me olhei bem no espelho, e personalidade eu vivo assim fácil, sem dar muita atenção.

Daí que falar de mim é um problema. Primeiro por vergonha, segundo por vontade, terceiro pelo quarto, quinto e sexto motivos que se repetem se alternando, vergonha e vontade, vergonha e vontade, vergonha e vontade. Igual ao mantra que eu nunca tive e descubro agora, é questão de escrever no filme e revelar no papel.

Mas eu vou falar, sem mais atraso.

Você, que me conheceu teimoso e irritadiço, me conheceu errado. É que eu não sou nada disso, entende? Estou isso. O que eu gosto mesmo é de me refazer, quando a gente começou o plano

era me esquecer, te esquecer, nessa ordem.

Acaba que eu não sou tão bonitinho em letras, amor. E antes de você pedir, eu dou o motivo. É coisa bem adolescente, mas não deixa de ser a coisa que pra mim foi razão: lá pelos meus dezessete anos, nos tempos de cursinho, nem curso eu tinha em mente. Gostava de aprender, mas nem tanto. Como eu era novo demais pra escolher uma coisa dessas e novo o bastante pra que me enfiassem a idéia de que eu seria uma profissão dali em diante, fui me perdendo aos poucos. E como era fácil o suficiente me encontrar como perdido, fiquei assim, sem muita referência, sem nada que permanecesse.

Patético, eu sei. Ridículo. Mas no tempo em que percebi a burrada que eu tinha feito, eu já tava fazendo outra: com pouco mais de vinte anos, já me via velho demais. Aí o negócio foi continuar e tirar o melhor do que muita gente acharia a pior das situações. Se era pra eu me perder, que fosse uma coisa completa. Pois é - o adolescente de outro tempo não é tão passado assim, radical como sempre.

O que eu sei é que hoje eu te engano e te dou a fotografia que você me pediu: eu não sou nada. ■



# LUCAS ROCHA

## *Monólogo*

---

- sabe, eu sou um colecionador.
- sério? o que você coleciona?
- coisas.
- que tipo de coisas?
- coisas. coisas que eu encontro por aí. coisas que eu quebro por acidentalmente e levo um pedaço. coisas que eu roubo. coisas que me dão.
- tipo o que?
- bem...agora eu tenho uma rolha, um isqueiro sem flúido, uma chave de um quarto no qual eu nunca entrei...
- você não acha isso meio...estúpido? sei lá, ficar catando coisas sem valor...vai chegar aos 60 anos com o quarto cheio de lixo...
- ...e uma carta de baralho. um rei de ouros. minha memória é fraca. quando lembro dessas coisas, lembro de como consegui, quando, e porquê.
- mas se prender a essas coisas não te deixa muito...nostálgico?
- talvez.
- ...silêncio.
- sabia que o rei de ouros é júlio César? ■





# LÍVIA CORBELLARI

## *Verdades, Mentiras e conhaque*

---

Fábio entrou num bar, um lugar bonito que ficava na parte boa da cidade. Era o primeiro cliente. Pediu um conhaque e riu quando o garçom o chamou de senhor. Bebeu rápido, pediu mais um e depois outro. Três doses e se sentia mais sóbrio do que antes. Acendeu o último cigarro e desejou estar em um daqueles botecos podres que costumava frequentar. Enquanto fumava observava o recinto, que não estava mais vazio. Na mesa ao lado havia duas garotas, loiras. Elas olharam para ele, riram e cochicharam. “Devem estar rindo da minha roupa”, pensou.

Estava pronto para pedir outra bebida, quando um casal de mãos dadas entrou. As duas últimas pessoas no mundo que Fábio desejaria encontrar. Quando os viu ficou desesperado e começou a se perguntar “será que os dois já sabem do que aconteceu”, “será que estão sentindo pena de mim igual aos outros?”. Pensou em se esconder ou em ir embora, mas era tarde demais, o casal já o tinha visto e se aproximava. Luiza sorriu tristemente para ele e Diego perguntou se poderiam se sentar junto. Ele afirmou com a cabeça, mesmo odiando a idéia e, principalmente, odiando a felicidade que eles aparentavam.

Diego tentava agir normalmente, mas já estava arrependido de ter se sentado ali. Ele achava que a amizade dos dois poderia continuar como era antes, mas estava enganado. Por mais que se esforçasse, não conseguia ficar realmente comovido com o que tinha acontecido com o amigo. Só conseguia lembrar que Luiza e Fábio já tinham dormido juntos, e o quanto isso o deixava irritado.

Ela ainda se sentia de certa forma responsável por Fábio. Achava que poderia tê-lo ajudado mais enquanto podia. Apesar de estar desconfortável com a situação, encarou-o e disse:

- Nós ficamos sabendo do que aconteceu e ficamos preocupados.

Fábio suspirou mal-humorado e pensou “Todos sabem. O Grande irmão nos vigia.”



Depois Diego falou:

-Outra vez? Por quê?

-É, outra vez.

-Quando você vai parar?

-Eu não sei.

-Eu posso te ajudar, posso te arrumar um emprego.

-Eu não preciso de mais sofrimento.

Os três ficaram em silêncio. Luiza sentiu pena de Fábio, mas agora que eles não estavam mais juntos não havia nada que ela pudesse fazer, mesmo assim continuou falando.

-Eu quero te ver bem, você precisa se cuidar mais... Se não vai acabar perdendo tudo

-Eu já perdi tudo. E não preciso ficar aqui ouvindo essas coisas inúteis que todos os outros já me disseram.

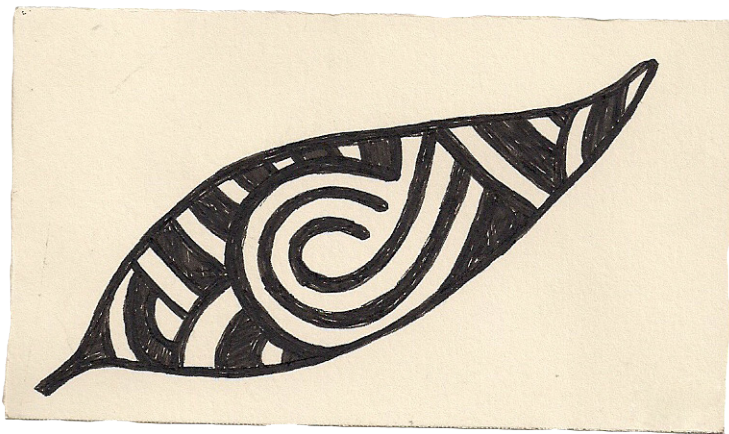
Fábio levantou-se, colocou 50 reais na mesa, muito mais do que sua conta tinha dado, e saiu. Foi andando até seu prédio. Quando entrou no elevador ficou muito feliz por não haver outros moradores, ele odiava os olhares. Chegou em seu apartamento, sozinho e sem cigarros. Foi até sua estante, sorteou um livro e abriu em uma página qualquer. Leu "Eu não devia te dizer/ mas essa lua/ mas esse conhaque/ botam a gente comovido como o diabo." "Faz sentido." Ele pensou. ■



CURADORIA DE ERLY VIEIRA JR  
ILUSTRAÇÕES DE MAINÁ LOUREIRO

dos

CORPOS EM TRÂNSITO



O corpo sem contornos sobretudo de saída. Primeiro passo  
na estrada desde já tardia. Passagem  
de ida para uma nova partida. Para uma nova  
partida. Quando a vista imobiliza alguns mares cardeais.

**CASÉ LONTRA MARQUES** nasceu em 13 de novembro de 1985, em Volta Redonda (RJ). Atualmente, mora em Vitória (ES). Publicou *Mares inacabados* (Flor&cultura, 2008), *Campo de ampliação* (Lumme Editor, 2009), *A densidade do céu sobre a demolição* (Ed. Confraria do Vento, 2009) e *Saber o sol do esquecimento* (Ed. Aves de Água, 2010). O poema acima foi originalmente publicado no primeiro livro de Casé.







## 1. PARA SEREM RASGADOS À LUZ DA LAMPARINA

### I. Primeiro Pedaco

Os riscos da chuva

tomam os dedos,

e um ardor de névoa instala

sobre sua ausência

qualquer coisa entre

pétala de poema

e cheiro de mãos abertas.

**PAULO ROBERTO SODRÉ** é professor do Departamento de Línguas e Letras da Ufes e publicou os seguintes livros: *Interiores* (poesia, FCAA/Ufes, 1984), *Ominho* (literatura infantil, FCAA/Ufes, 1986), *Lhecídio: gravuras de sherazade na penúltima noite* (poema romanceado, FCAA/Ufes, 1989), *Dos olhos, das mãos, dos dentes* (poesia, DEC, 1992), *De Ulisses a Telêmacos e outras epístolas* (poesia, IHGES, 1998), *Senhor Branco ou o indesejado das gentes* (poesia, Secult-ES, 2006) e *Poemas de pó, poalha e poeira* (poesia, Secult-ES, 2009), no qual está incluído o poema acima.

005





### **SUBSTANTIVO FEMININO**

os meus duzentos e onze ossos pedem  
um pouco mais de carne: esmola-naco  
os músculos não contam  
a crônica de fermento e pó – nas bocas do fogão  
aquele músculo entre as coxas está amarrotado como quê  
qual fronhas colhidas na trouxa para a lavadeira  
ao lado da botija de gás na área de serviço – meu coração  
que não tem cobertor e muito menos colcha-de-casado  
e fronhas sujas de travesseiros-pares  
alcatra/ chá de dentro/ bife mal-passado  
não faz diferença à minha fome flamber  
solidão – sentença com sete letras e um til

SÉRGIO BLANK (Vitória, 1964), é autor dos livros *Estilo de ser assim, tampouco* (FCAA/Ufes, 1984), *Pus* (FCAA/Ed. Anima, 1987), *Um*, (Cultural-ES, 1989), *A tabela periódica* (SPDC/Ufes, 1993), *Safira* (1998) e *Vírgula* (Cultural-ES, 1998), do qual foi extraído este poema.

QLETRD



## REDOMA

Manter esse vidro

Manter esse vidro e o cansaço

intocável no corpo

Manter esse vidro

e o cansaço intocável

No corpo manter

esse vidro nos pés

os seus cacos. Manter

esse vidro intocável

no corpo em pedaços

**FÁBIA SALLES** nasceu em Vitória, em 1976. Psicóloga, publicou os livros *Noite* (1998) e *Desterro* (2002). Participou das coletâneas *Poiesis* (1997), *Planetária* (1997), *Poemas a trois* (1998) e *Instantâneo* (2005).





além de nós dois existiam muitas outras pessoas enlatadas naquele ônibus lotado impossível de perder na pressa da partida algum lugar para descansar. corpo cercado de corpos. agora um corpo só. atentando odores toques equilíbrios a cada arrancada um desafio. fluorescente refletia nos olhos a colorida camisa do passageiro da frente de nós. calor infernal e um murmurinho insuportável impregnando-nos no vaivém da carreira demorada no trânsito selvagem e ansioso na congestão da saída do serviço suores amplificando suores. pensamentos desesperados no som agudo da campainha musicalmente repetida sem parar. protesto de uma mulher gorda que passou do ponto era o que faltava. não deu outra. impropérios gritaria empurra-empurra dedos na cara a destra e sinistra confusão e alvoroçamento bom ficou depois com a esperta interferência do motorista esquecido que carregava gente engavetou sua vida violentamente na traseira dum caminhão repleto de frangos para abater foi um terror a lambança: pés pescoços cabeças de frango e gente entre gritos penas brancas marrons. teve bombeiro ambulância helicóptero além de nós dois outros dez não resistiram à colisão.





**PABLO CRUCES** é escritor, diretor de teatro e médico nascido no Chile. A partir da década de 90, participou ativamente da cena cultural capixaba, fixando residência em Vitória, onde lançou, de maneira independente, seu primeiro livro de poesias, fragmentações (1998). Também dirigiu dois espetáculos experimentais de teatro: *neurobiose* (2000) e *in-sanatório* (2001). Em 2005, participou da coletânea Instantâneo, publicada pela Secult-ES, na qual foi publicado este poema. Atualmente, reside em Niterói (RJ).



## A NOITE

A noite torna a todos  
deliciosos e mastigáveis leitões,  
que somente esperam pelo lobo  
que, de tão mau,  
talvez não venha nunca.

**RENATO FRAGA** nasceu em Vila Velha, ES. Participou das coletâneas *Poiesis* (1997) e *Instantâneo* (2005). Atualmente, prepara seu primeiro livro de poemas. O texto ao lado publicado é inédito.

151

SEN



### **CARAMELOS**

E se ele não gostasse de caramelos? Quem não gosta de caramelos no cinema? Começar chupando devagarinho e, não resistindo, morder embolando nos dentes. Caramelos nos dentes é bom. Depois o beijo melado. Quem não gosta de beijo melado no cinema. Acabou comprando pastilha forte também. Colocou dentro da bolsa (imagine se, na aflição, vou encontrar?). Foi ao banheiro e lavou a boca várias vezes, conferindo o hálito. Um gostinho, fininho, de sanduíche, persistia. Lavou e gargarejou. Cuspiu. Tomou coragem e tirou o sutiã (ninguém sabe, né?). Colocou-o dentro da bolsa. Sutiã e pastilha forte, já pensou? Aflita voltou a sentar-se na sala de espera. O relógio na parede devia estar atrasado.

Viu as cortinas, vermelhas e sujas, se abrirem e algumas pessoas com cara de boi saindo. Bem feito, o desgraçado. Agora os ponteiros correm como loucos. O sinal de que o filme iria começar despertou-a. Decidida, entrou na sala e pôs a mão no primeiro joelho que encontrou.

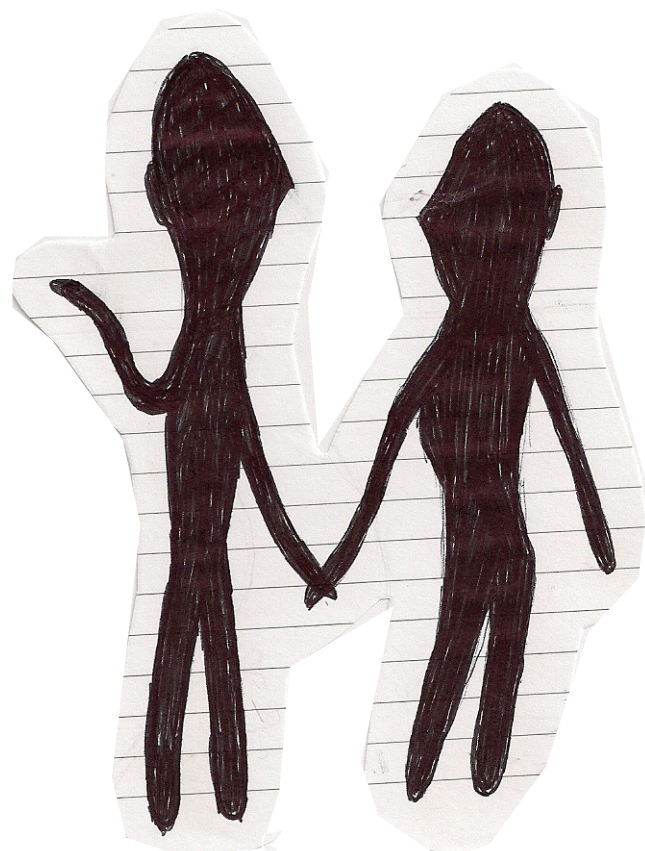
**IVAN DE LIMA CASTILHO** publicou *O deus do trovão* (contos, Ed. FCAA/Ufes) em 1988. O conto acima, extraído desse livro, foi um dos contos vencedores do II Concurso Universitário de Contos, realizado pela Ufes em 1980.



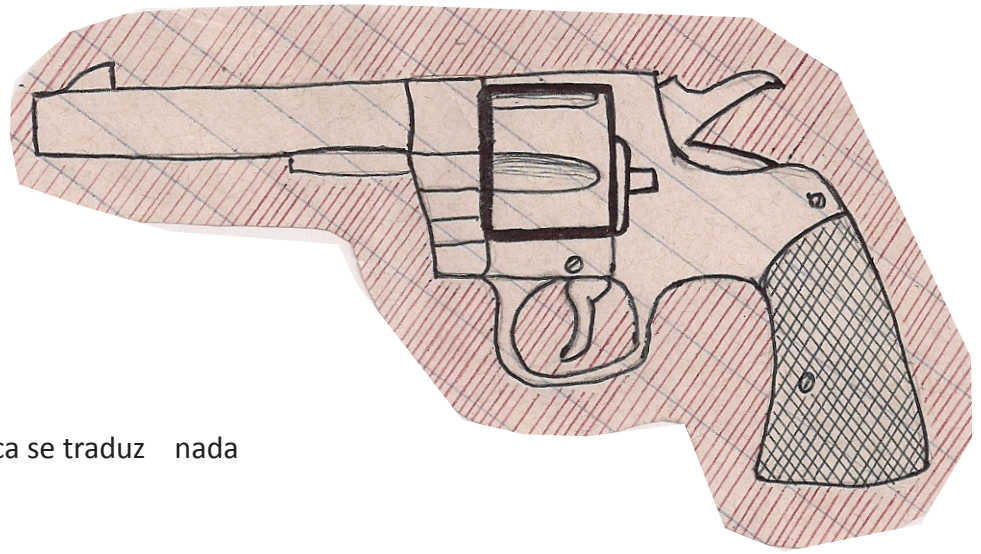
## IGITUR

meu olho está fechado, feito um morto  
tentando ter do escuro a própria sombra  
por entre as flores secas sinto o gosto  
da língua negra e lisa de uma cobra  
meu olho está trancado, feito um louco  
perambulando noites, luas, becos  
atrás de lábios, sons – que apenas ouço  
transformo o que era eco num concerto  
meu olho está molhado, feito um porto  
de mãos, navios, lenços: tais acenos  
(a vida é sempre mais, final de menos)  
meu olho está calado, feito dois  
cavalos velhos vendo alheios coitos  
em versos que o poeta fez – e pôs

**BITH** (Wilberth Claython Ferreira Salgueiro) é professor do Departamento de Línguas e Letras da Ufes. Publicou os volumes de poesia *Anilina* (1987), *Digitais* (1990), *32 poemas* (veiculado na internet, 1996), do qual foi extraído o soneto acima, e *Personcontos* (Ed. Flor&Cultura, 2004). Também é autor de *Forças & formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea* (Edufes, 2002).







## LÍRICA

a pele cheia de olhos nunca se traduz nada

apenas em mãos

respiração para dedos encobertos

a pele nunca se reduz

ao que imagem

mas no olho reinventa

pequeno filme hardcore de si mesma

uma fantasia lírica

cheia de olhos e acidentes

beliscando as estrelas

na pupila sob o dedo

**ALEXANDRE MORAES** (Rio de Janeiro, 1955) é professor e pesquisador do Departamento de Línguas e Letras da Ufes. Publicou seis livros: *Pra-todo dia* (1986); *Objetos com nomes* (1995); *Pequenos filmes sobre o corpo* (1997) *Paisagem sobre corpo em silêncio* (Ed. Flor&Cultura, 2008), *A sequência de todos os passos* (Ed. Confraria do Vento, 2009) e *Preparação para o exercício da chuva* (Ed. Aves de Água, 2010).



232

232

232

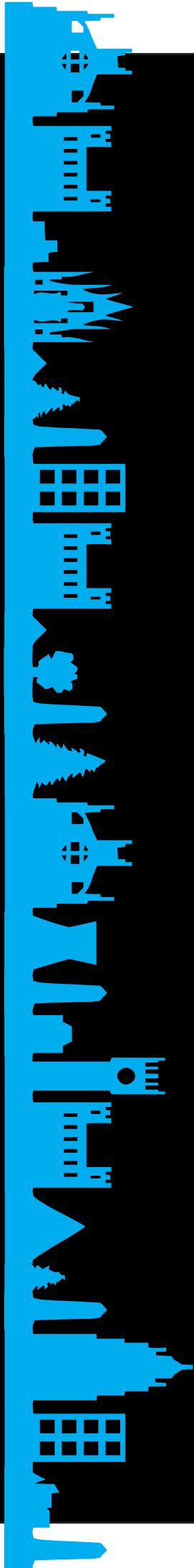


## ENCANTAMENTO

Ó Deus serpentecostal  
que habitais os montes gêmeos,  
e fizestes do meu cu  
o trono do vosso reino,  
santo, santo, santo espírito  
que, em amor, nos forjais,  
felai-me com vossas línguas,  
atiçai-me o vosso fogo,  
dai-me as graças do gozo  
das delícias que guardais  
no paraíso do corpo.



**WALDO MOTTA** (São Mateus, 1959), publicou nove volumes de poesia a partir de 1980, dos quais se destacam: a coletânea *Eis o homem* (FCAA/Ufes, 1987), reunindo textos dos seis volumes anteriores; *Poiezen* (Massao Ohno Editores, 1990); *Bundo e outros poemas* (Ed. Unicamp, 1995); *Recanto: poema das 7 letras* (Ed. Imã, 2002); e a coletânea *Transpaixão* (1ª. ed, 1999, Edições Kabungo/ 2ª. Ed, 2009, Edufes). Considerado pela crítica um dos principais nomes da poesia brasileira a partir da década de 90, Waldo finaliza seu novo livro, intitulado *Terra sem mal*.



*vida literária*

Seis livros de quatro poetas foram lançados no dia 20 de maio, na Associação dos Docentes da UFES (ADUFES, Campus de Goiabeiras). O evento, com recital de poesia e projeção de vídeos, marcou a estréia da **AVES DE ÁGUA**, nova iniciativa editorial, sediada no Espírito Santo e capitaneada pelos escritores Alexandre Moraes e Casé Lontra Marques. Três dos títulos foram lançados através da nova editora: *Preparação para o exercício da chuva*, de Moraes, e *Saber o sol do esquecimento*, de Casé e *O tempo da curva*, primeiro livro de Alexander Nassau. Além disso, também foram lançados *Macromundo*, de Wladimir Cazé, *A sequência de todos os passos*, de Alexandre Moraes e *A densidade do céu sobre a demolição*, também de Casé Lontra Marques.



E, por falar em editora, hora de fazermos uma errata: corrigindo o endereço eletrônico publicado na edição passada, informamos que o site da **EDITORA COUSA** é o [www.editoracousa.com.br](http://www.editoracousa.com.br). Inclusive, dois dos nomes do staff da Cousa estão entre os contemplados pelo Prêmio Ufes de Literatura 2009/2010: Saulo Ribeiro e Cleibson Freitas.



A **EDITORA DA UFES** (EDUFES) lançou no dia 17 de junho o livro com os textos vencedores do Prêmio UFES de Literatura 2009/2010. Foram 20 contemplados ao todo, sendo 10 na categoria “Contos” e 10 na categoria “Poesia”. Foram 10 capixabas na lista de premiados: 6 poetas e 4 contistas.

Anunciado em março, o resultado era previsto para dezembro de 2009, mas houve problemas de tempo hábil para o trabalho da banca examinadora do concurso - constituída exclusivamente de professores do curso de letras da universidade - devido à sobrecarga de final de período, bem como um problema referente a textos selecionados para a categoria “Contos”.

Esse foi o primeiro dos concursos literários da EDUFES na gestão atual, remontando uma política cultural dos anos 80. A editora assume como missão incentivar a produção literária. A preocupação da editora também passa pelo respeito à obra dos autores, pois uma vez selecionados os textos classificados, estes foram repassados para seus respectivos idealizadores para uma revisão ortográfica adequada à construção literária na qual o texto se baseia.

A distribuição do livro contará com o apoio da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU), atingindo todo o território nacional.

Vale destacar também que todo o processo de inscrição e envio de textos para seleção ocorreu pela internet, o que tornou o processo mais dinâmico e possibilitou a participação de inscritos de todos os estados brasileiros. Junto ao lançamento da coletânea dos textos, também foram abertas as inscrições para o Prêmio Ufes de Teoria e Crítica Literária, cujo regulamento está disponível no endereço [http://www.secretariadecultura.ufes.br/editora\\_ufes.php](http://www.secretariadecultura.ufes.br/editora_ufes.php)

#### Nome dos Contemplados:

Contos: Saulo Ribeiro Amorim, Paulo Muniz da Silva, Guilherme Ferreira de Toledo Lourenço, Márcio Ronei Cravo Soares, Ruy Perini, Cleibson Freitas Da Silva, Rafael Cavalcanti do Carmo, Marcos Vinícius Lima de Almeida, Raimundo Nonato Albuquerque Silveira e Aline Oliveira Coelho Dias.

Poesia: Lino Machado, Maria Amélia Dalvi, Bárbara Lia Soares, Márcio-André de Souza, Sonia Maria Martins Cezaro, Rubens Cavalcanti da Silva, Isabel Florinda Furlini, Cezario Caldeira Saiter, Carlos Alberto Pessoa Rosa e Nelson Martinelli Filho.



O clube de leitura da **BAUHAUS VITÓRIA** parte de uma idéia básica: juntar amigos e interessados na produção literária e discutir obras clássicas, trazendo à tona a lógica que permeava o momento em que a obra está inserida (questões como o contexto histórico ou o movimento artístico/literário em que se deu a concepção do livro analisado) numa espécie de encontro informal de amantes da leitura e do fazer literário. O grupo existe desde meados do ano passado, encontrando-se mensalmente no espaço cultural Bauhaus, que fica no bairro Jardim da Penha, Vitória. As discussões rodam em torno de um foco central, o livro que fora escolhido pelos membros do grupo, mas passa por outros assuntos afins, como filosofia, psicologia e mesmo filmes e outros livros que possuem relação com o objeto, seja no enredo, no estilo de escrita ou mesmo por integrar um mesmo momento literário. Numa discussão tão diversa e participativa fica notável um desdobramento da literatura para além de seu momento estático, correlacionando obras numa visão atemporal de suas temáticas.

Pra quem se interessou, o grupo é aberto e bastante receptivo. Para saber mais sobre essa iniciativa acesse: <http://bauhausclubedeleitura.blogspot.com/>

E boa leitura.



O **ENCUCA** (<http://encuca.ning.com>) é um coletivo formado por artistas e empreendedores culturais que tem como objetivo a valorização da cultura do Sul do Espírito Santo. Desde o início de 2008, o grupo realiza reuniões regulares com o intuito de integrar e divulgar os artistas locais. Abrangendo literatura, teatro, música, artes plásticas e cinema, o grupo é formado, hoje, por 130 pessoas e é aberto tanto a produtores de cultura quanto a seus simpatizantes.



AVISO AOS NOVOS

TALENTOS E

ESCRITORES INÉDITOS

EM GERAL

Você escreve, mas guarda seus textos na gaveta?

Conhece algum novo talento literário que  
precisa urgentemente sair do ineditismo?

**Então venha colaborar com a Graciano!**

Estamos recebendo textos inéditos para publicação em uma nova seção da nossa revista. Trata-se da **Casa Tomada**, um espaço para revelar novos autores e apresentar uma nova geração literária que aflora por todo o Espírito Santo.

Para participar, basta enviar seu(s) texto(s) para o e-mail contato.graciano@gmail.com, juntamente com uma breve biografia (até cinco linhas). Se o seu texto for selecionado, será publicado a partir de nossa edição de número 3 (em agosto).

**Participe!** A casa também pode ser sua.

# VICE VERSO TERROR VIRTUAL

O programa de rádio Vice Verso inaugura um novo portal na internet e se expande para novos formatos. O objetivo declarado dos apresentadores é provocar.

Ítalo Galiza e Jamile Guil conversaram comigo minutos antes da gravação do Vice Verso começar. Naquela quarta-feira aconteceria a “Noite da Libertação Poética”, ocasião do programa em que um compositor capixaba e um ouvinte são convidados a apresentá-lo junto aos ocupantes oficiais do posto. Acontece toda última quarta-feira do mês. Os convidados, o músico Jonias Feli e o poeta amador Henrique Corrêa, chegaram quando a entrevista estava acontecendo. “A gente já vai atender vocês”, disse Ítalo. “Vamos otimizar a parada aí que a galera tá esperando”, Jamile avisou brincando, mas não muito. Só fiz mais algumas perguntas e deixei-os cuidar dos preparativos.

O “lema” do Vice Verso pode parecer ainda mais hiperbólico do que o título da tal noite: “Vitória é um ovo. E a gente quer chocar! Terrorismo Poético já!”. Para quem não é muito dado a sutilezas, “ovo” é uma piada com a dimensão geográfica e, vá lá, cultural da capital capixaba. O restante necessita de certa explicação. A ideia do programa está aí, nessas duas frases. Ideia que começou a ganhar musculatura a partir do momento em que Ítalo e Jamile se conheceram, em 2008. Desde março daquele ano, Galiza, estudante de jornalismo da Ufes, ainda apresentava o Vice Verso sozinho, durante meia hora, num dos quadros do Bandeirão, um dos principais programas da Rádio Universitária da Ufes. Seu papel, então, era simplesmente falar de poesia pelo rádio. Foi aí que, por meio de amigos comuns, ele encontrou Jamile, que estudava letras em Ouro Preto e acabava de se transferir para o Espírito Santo, sua terra natal. Simpatizaram-se, e ela passou a frequentar a Universitária quase todos os dias. Da amizade com a turma da rádio, Guil arranhou um espaço ao lado do atual companheiro.

Os dois apresentadores concordavam que o Vice Verso deveria falar de poesia de forma coloquial (poesia, entendia aqui, no sentido mais vago do termo); concordavam também que ele deveria causar algum tipo de surpresa ou choque. Mas foi Jamile quem entrou com o “terror” na programação. Pelo menos no que diz respeito à questão, digamos, teórica da coisa. Isso porque, na época, ela andava lendo sobre o chamado “Terrorismo Poético”, como o que está no lema. Guil não lembra exatamente o que viu a respeito. Mas ficou com a ideia na cabeça.

Na verdade, o termo surgiu de um texto homônimo do pensador e militante anarquista Hakim Bey, de fácil acesso na rede. Nele, o autor discorre sobre práticas artísticas que preconizam o choque do espectador. “Estranhas danças nos saguões de bancos 24 Horas. Shows pirotécnicos não autorizados. (...) se ele (o Terrorismo Poético) não muda a vida de alguém (além da do artista), ele falhou.”, diz um trecho. São práticas que norteiam a atuação de vários grupos de rua mundo afora – mesmo que ninguém se lembre de dar o crédito a Bey. O mote do Vice Verso é bastante parecido, como explica Ítalo: “A ideia do Vice Verso é a da quebra da expectativa. Você não espera ligar o rádio e ouvir poesia”. Jamile vai mais além: “O problema da pós-modernidade é que tudo já foi dito e tudo já foi feito. Como é que você provoca num mundo onde tudo já foi dito e tudo já foi feito? Então É uma busca motivada por uma angústia de uma juventude que tem esse mundo.”.

O espaço no Bandeirão continuou até dezembro, quando os garotos partiram para as férias de verão. Quando o recesso acabou, em março de 2009, a bolsa do Ítalo na Universitária havia terminado, e o Vice Verso teve de parar por cinco meses. Nesse entretempo, os apresentadores começaram a correr atrás de leis de incentivo para viabilizar suas atividades, sem saber ao certo se o programa teria volta. Com a mudança na diretoria da rádio, Leonardo Lopes, o atual chefe da rádio, convidou-os a tornar a dirigir o Vice Verso, dessa vez como um programa semanal de uma hora. Assim, desde agosto de 2009, Ítalo e Jamile vão ar todas as quartas-feiras, das 20 às 21 horas, transmitindo poesia e derivados através da Universitária FM.

Eles só cresceram desde então. No final de 2009, surgiu a primeira indicação a melhor programa de rádio no prêmio Omelete Marginal. Foi nesse período também que saiu o resultado do edital da Secretaria de Cultura do Espírito, que lhes deu dinheiro para fazer o site lançado em março último. E já no início desse ano eles receberam a notícia de que o Vice Verso foi o selecionado no edital da Lei Rubem Braga.



O site inaugurou um novo capítulo na história do programa. É ele que permite que o Vice Verso não fique restrito às ondas do rádio. Por um lado, o portal permite o armazenamento de todos os programas gravados a partir de então, bem como tudo o que for relacionado a ele (poesias recitadas, contatos de convidados). Por outro, abriu-se um caminho para que o Vice Verso vá além de seu formato original. Nisso, uma outra pessoa apareceu para reforçar a equipe: Marcos Luppi, que ajuda a turma na produção de vídeos. O principal quadro do Vice Verso voltado exclusivamente para o audiovisual – e que ainda está engatinhando – chama-se “Filosofá”. Nele, Jamile realiza entrevistas a partir de um sofá laranja colocado em lugares não muito propícios para tanto (uma praia, por exemplo), sempre tendo como assunto principal a “filosofia do cotidiano”. No primeiro da série, um padre fala sobre o fim do mundo num vídeo entremeadado de “efeitos especiais” e cenas incompreensíveis.

Não se pode esquecer, também, que o portal dá espaço para que os espectadores participem de forma mais efetiva da programação. A seção “Muro de Poemas”, por exemplo, abre a possibilidade de poetas amadores (ou nem tanto) postarem seus textos a bel-prazer. Foi daí que surgiu Henrique Corrêa. Ele foi o primeiro a postar no Muro e acabou sendo selecionado para a Noite da Libertação Poética que eu assisti da janelinha de vidro de um dos estúdios da Universidade. Os textos também podem ser recitados em áudio. A seção “Ouvinte In Verso” se encarrega disso.

Cabe perguntar se o Vice Verso consegue mesmo causar o choque pretendido. Bem, a “polêmica” maior poderia surgir da “cobertura” que os garotos fizeram do show da Wanessa Camargo em Vitória. Na ocasião, a banda Sol na Garganta do Futuro foi escalada para fazer a abertura do espetáculo. A apresentação performática do Sol não agradou muito, e a banda foi vaiada solenemente. O acontecimento gerou discussões acaloradas na rede. Ítalo e Jamile filmaram tudo. Na hora de editar, inverteram as vaias para Wanessa Camargo. O objetivo era mostrar o ridículo de se preterir um estilo musical a outro. “Se eu sou fã da Wanessa eu não posso ouvir o Sol?”, falou Galiza. Alguns fãs comentaram o vídeo – mas demonstraram incompreensão, não revolta.

Há também o vídeo da entrevista com Zé Celso Martinez, em que o teatrólogo manda “um beijo de língua no c... do Vice Verso”. Vindo de quem veio nada surpreendente. Por enquanto, o Vice Verso tem sido mais motivo curiosidade do que de choque. “As pessoas ainda estão entendendo a proposta. Como a gente também tá.”, explica Ítalo. Chocar, afinal, também não chega a ser obsessão. Para Ítalo e Jamile, provocação é simplesmente “dizer coisas quando não se espera, ou da forma como não se espera”.

Ah, sim. Duas mulheres ligaram para a rádio com suas reclamações. Uma delas criticava Ítalo por ter usado uma palavra coloquial. A outra queria que eles falassem algo sobre Nietzsche e Maria Bethânia. “Isso é coisa de ouvinte maluco”, brincou Ítalo.

Lucas Schuina



# Dúvidas?

## *Sugestões?*

## CRÍTICAS?

Quer se comunicar com a equipe editorial da Graciano - Literatura Brasileira feita no Espírito Santo? Colabore enviando seu conteúdo, sugestão ou crítica para o e-mail:

[\*contato.graciano@gmail.com\*](mailto:contato.graciano@gmail.com)

Ou acesse nosso blog:

[\*revistagraciano.wordpress.com\*](http://revistagraciano.wordpress.com)

Os Cronópios têm manual de instruções de como dançar, cantar, sobre a forma correta de ter medo, como entender quadros famosos e também um capítulo exclusivo sobre como matar formigas em Roma. Entretanto, o nosso preferido é esse sobre Literatura. Ajude-nos a divulgá-lo, enviando o link via twitter, e-mail ou mesmo no msn para os seus amigos!

# Colaboraram nesta edição:

BRUNELLA BRUNELLO  
[brunellabrunello@gmail.com](mailto:brunellabrunello@gmail.com)

DANIEL VILELA  
[damn.fernandes@gmail.com](mailto:damn.fernandes@gmail.com)

ERLY VIEIRA JR.  
[erlyvieirajr@hotmail.com](mailto:erlyvieirajr@hotmail.com)

FERNANDA BARATA  
[fernanda-barata@hotmail.com](mailto:fernanda-barata@hotmail.com)

GUILHERME REBÊLO  
[guilherme2111@gmail.com](mailto:guilherme2111@gmail.com)

LEANDRO REIS  
[leandro.souza.reis@gmail.com](mailto:leandro.souza.reis@gmail.com)

LÍVIA CORBELLATI  
[livia\\_cor@hotmail.com](mailto:livia_cor@hotmail.com)

LUCAS ROCHA  
[k.rocha1412@gmail.com](mailto:k.rocha1412@gmail.com)

LUCAS SCHUINA  
[lucas.schuina@gmail.com](mailto:lucas.schuina@gmail.com)

MAINÁ LOUREIRO  
[mainalf@hotmail.com](mailto:mainalf@hotmail.com)

RAFAEL ABREU  
[abreu415@gmail.com](mailto:abreu415@gmail.com)

SIDNEY SPACINI  
[spacini\\_sido@gmail.com](mailto:spacini_sido@gmail.com)

VINÍCIUS ALTOÉ  
[vinicius.altoe@yahoo.com.br](mailto:vinicius.altoe@yahoo.com.br)



...ondido, **suicidou-se** com um tiro no peito, em frente à praça  
...anka, em Moscou. **Ernest Hemingway** **tentou** suicídio cinco  
...vezes; numa **delas**, *tentou atirar-se contra as hélices* de um avião  
**mas** obteve o **sucesso pleno** ao **estourar** o céu da boca  
... com um *a espingarda* de dois canos. Santos Dumont enforcou  
... e com a *própria* **gravata**. poeta Safo **jogou-se** de

# 1. Francisco Grijó

